

**13** Universidade  
anos Livre  
Feminista



# Trilhas de uma pedagogia feminista na internet

AUTORIA COLETIVA

**13** Universidade  
anos Livre  
Feminista

# Trilhas de uma pedagogia feminista na internet

AUTORIA COLETIVA

## **Universidade Livre Feminista 13 anos**

Trilhas de uma pedagogia feminista na internet

### **EDIÇÃO**

**EQUIPE DE REDAÇÃO** Bibiana Serpa, Carmen Silva, Cristina Lima, Milena Barroso e Priscilla Brito

**GRUPO DE SISTEMATIZAÇÃO** Analba Brazão, Bibiana Serpa, Carmen Silva, Cristina Kenne de Paula, Cristina Lima, Fernanda Vicari, Francisca Maria Rodrigues Sena, Deborah Guaraná, Joana D'Arc da Silva, Maria Lúcia Lopes de Oliveira (Malu), Masra Abreu, Milena Fernandes Barroso, Priscilla Brito, Sophia Branco e Thayz Athayde

**PREPARAÇÃO E REVISÃO** Cristina Lima e Sophia Branco

### **DESIGN**

**CAPA E PROJETO GRÁFICO** Hana Luzia e Isabella Alves

**ILUSTRAÇÕES** Isabella Alves

**DIAGRAMAÇÃO** Hana Luzia

**IMPRESSÃO** Gráfica Provisual

**TIRAGEM** 500 exemplares

Sugerimos e estimulamos a reprodução total ou parcial dos conteúdos desta publicação.

Favor citar a fonte.

**13** Universidade  
anos Livre  
Feminista

# **Trilhas de uma pedagogia feminista na internet**

**AUTORIA COLETIVA**

Recife, 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Universidade Livre Feminista 13 anos: trilhas de uma pedagogia feminista na internet / organização Bibiana Serpa...[et al.]; ilustrações Isabella Alves.  
— 1. ed. — João Pessoa, PB: Livreditora: SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia, 2023.

Outras organizadoras: Carmen Silva, Cristina Lima, Milena Barroso, Priscilla Brito.  
Vários colaboradores.  
Bibliografia.

ISBN 978-65-85263-01-6

1. Educação feminina - Brasil 2. Feminismo 3. Feminismo - Aspectos sociais  
4. Internet (Rede de computadores) - Aspectos sociais 5. Pedagogia  
6. Universidade Livre Feminista I. Serpa, Bibiana. II. Silva, Carmen  
III. Lima, Cristina IV. Barroso, Milena. V. Brito, Priscilla. VI. Alves, Isabella.

---

23-144781

CDD-305.420981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Feminismo: Articulação de Mulheres Brasileiras: Sociologia 305.420981  
Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

# Sumário

<b>1.</b>	O caminho se faz ao caminhar	7
<b>2.</b>	Por uma pedagogia popular feminista na internet	15
<b>3.</b>	Metodologia: uma criação permanente	19
	Relação com a internet	22
	Relação com os domínios formais do saber	28
	Relação com o lugar das educadoras	29
	Relação com os movimentos feministas e suas lutas	33
<b>4.</b>	Principais ações educativas	37
	Residências artivistas	38
	Diálogos	39
	Cursos	40
	Pesquisas	46
	Campanhas educativas	51
	Conexões em educação popular	54
<b>5.</b>	Organização da Universidade Livre Feminista	57
<b>6.</b>	Pensando os caminhos trilhados	61
	Mulheres populares e desigualdades no acesso à internet	61
	Corporeidade, construção de si e acessibilidade	63
	Diversas linguagens na pedagogia feminista	67
	Dimensão político-organizativa da formação	68
<b>7.</b>	Mirar futuros feministas	75
<b>8.</b>	Memória	79
<b>9.</b>	Ações realizadas	89





# 1. O caminho se faz ao caminhar

Vamos contar pra vocês o que aprendemos e que perguntas permanecem depois de 13 anos de existência da Universidade Livre Feminista (2009-2022) como ação política e educativa na internet. A ideia deste texto é compartilhar por que andamos por certas trilhas e não por outras, que pedras encontramos no caminho, se esbarramos nelas ou se as arroteamos, e compor assim uma sistematização da experiência. A questão que nos guia é: quais foram os limites e potencialidades da educação popular feminista quando feita à distância, virtualmente?

A Universidade Livre Feminista foi a primeira iniciativa a dar este passo de propor ações de formação na internet de forma permanente, desde que foi criada pelo Centro Feminista de Estudos e Assessoria – CFEMEA, em 2009. Esta era uma trilha ainda não percorrida por organizações e movimentos feministas brasileiros. Desde 2013, ao CFEMEA se juntaram o SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia e a Cunchã - Coletivo Feminista; e foram criadas uma Secretaria Executiva e uma Rede de Colaboradoras.

Através de atividades presenciais e virtuais, utilizamos metodologias que buscam adaptar para o ambiente de Educação a Distância – EaD

elementos da educação popular e da práxis educativa feminista. Nesses 13 anos realizamos cursos, conferências, diálogos, pesquisas, campanhas educativas, webinários, debates ao vivo (*lives*), entre outras atividades. Este ciclo se encerra, mas possivelmente a Universidade Livre Feminista iniciará um novo momento, ou sua energia fluirá em outras experiências semelhantes.

Relembrar nossa história é importante porque a estrutura da internet muitas vezes colocou a ação da Universidade Livre Feminista em questão: era possível continuar nela sem ceder às novas dinâmicas que foram se impondo, como a de produção de conteúdos para as redes sociais? Com o tempo, entendemos que essa não era a pergunta. A Universidade Livre Feminista não é uma ou um conjunto de plataformas, sujeita às suas dinâmicas: ela é a realização, na internet, de uma pedagogia feminista.

Então além de falar da internet em si, casa onde vivemos nesses 13 anos, vamos falar dos princípios que nos guiaram, nossa concepção de feminismo e das metodologias que criamos nas mais variadas atividades.

As experiências de todas as que se juntaram em torno da Universidade Livre Feminista se encontraram em momentos importantes para o feminismo e para os movimentos sociais de forma geral. Vimos, neste período, surgirem as manifestações das Marchas das Vadias, a partir de 2011, e o momento das chamadas Jornadas de Junho de 2013, as primeiras experiências brasileiras de protestos de rua massivos convocados pela internet.

1 BRITO, Priscilla. *Primavera das Mulheres: o online e o offline nos protestos feministas contra o PL 5069-2013 no Rio de Janeiro* (Dissertação). PPGSA/IFCS/UFRJ.

Em 2015<sup>1</sup> tivemos a Primavera das Mulheres, pela defesa do direito ao aborto em casos de violência sexual, e em 2018, o **#EleNão**, a tentativa de barrar a eleição de um fascista para a Presidência da República, além de dezenas de campanhas feministas na internet. Vivemos a resistência ao Golpe de 2016 e ao Governo Bolsonaro e, depois, a pandemia de Covid-19, que impactou completamente os nossos planos e as dinâmicas dos nossos cursos.

Durante a escrita coletiva desta publicação, estivemos em uma batalha contra a extrema-direita no país. Fizemos bandeiraços, adesivaços, atuando nas eleições que definiram nossa vida para os próximos anos. A memória dessas lutas não se dissocia das nossas ações em nenhum momento.

Nossa referência na Universidade Livre Feminista é o feminismo antissistêmico, que enfrenta o patriarcado, o racismo e o capitalismo, se configurando, simultaneamente, como movimento social, como teoria crítica e como projeto de vida para as mulheres que se organizam a partir do Sul global ou de processos contra-hegemônicos. Compreendemos as desigualdades de gênero, de raça e de classe, não a partir delas mesmas, ou seja, das desigualdades em si, mas como produtos históricos dos sistemas de dominação, exploração e opressão que as estruturam e reproduzem.

É importante situar essas referências porque muitas atividades educativas que vemos anunciadas flertam com outras perspectivas, como a do feminismo liberal, ou privilegiam uma dessas relações de opressão

2 SILVA, Carmen S. M.

*Contribuições a uma análise da política de formação do Partido dos Trabalhadores*, 1996.

Dissertação de mestrado em História e Filosofia da Educação – PUC. São Paulo, 1996.

3 DINIZ, Débora; GEBARA, Ivone. *Esperança feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2022, p. 11.

em detrimento das outras, e muitas vezes isso não está explícito. Para nós, tudo está junto e misturado e não entendemos a realidade das mulheres a partir de uma única dimensão da vida social. As relações sociais de gênero, de raça, etnia e de classe são consubstancializadas, ou seja, estão de tal forma interligadas que interferem na dinâmica uma da outra, se produzindo e coproduzindo mutuamente, de forma complexa e, muitas vezes, contraditória. A consubstancialidade dessas relações institui interseccionalidades diversas na vida cotidiana das mulheres, e envolve outras dimensões, como a sexualidade, a corporeidade, a religião, o pertencimento regional, dentre outras tantas.

E na prática, como isso se concretiza? Como construir uma pedagogia que rompa de alguma forma com os esquemas disponíveis na internet e no nosso sistema de ensino? Como articular os diferentes saberes em torno de um objetivo de transformação da nossa realidade?

A Educação Popular é outra referência importante para nós. Ela é “um ideário educacional que alimenta um conjunto de práticas sociais, marcada fortemente pela dialogicidade e pela perspectiva de formação de sujeitos autônomos, críticos e criativos, que se mobilizem pela transformação social”<sup>2</sup>.

Entendemos que a Pedagogia Feminista bebe dessa fonte. Ela é uma forma dialógica de impulsionar a formação política das mulheres e de seus coletivos e movimentos, contribuindo para compreenderem coletivamente a realidade social na qual estamos inseridas e se articularem em ações voltadas para transformar essa realidade e suas próprias vidas. E, como elabora Debora Diniz<sup>3</sup>, é uma pedagogia que

4 JARA, Oscar. *Para sistematizar experiências: una propuesta teorica y practica*. São José: Alforja, 1994. JARA, Oscar. *A educação popular latino-americana, história e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos*. São Paulo, CEAAL, Ação Educativa, ENFOC CONTAG: Alforja, 2020.

mistura criativamente as possibilidades, “um eterno assombrar-se, uma permanente alegria pelo encontro com outras feministas, um futuro pleno de esperança de que o tempo ainda a ser vivido será mais livre e seguro para todas”.

A esperança precisa da memória. Na concepção pedagógica da Educação Popular, a sistematização de experiências tem um lugar central, algo que incorporamos. Para Jara e Falkembach<sup>4</sup>, a sistematização é um processo que permite a quem participou de uma dada experiência política e/ou pedagógica, narrar e refletir coletivamente sobre ela. Ao mesmo tempo, articula abordagens teóricas que ajudam a pensar sobre a experiência e extrair disso os aprendizados que possam contribuir com iniciativas semelhantes ou com a continuidade da mesma experiência.

Bebemos dessa referência conscientes de que a memória é uma dimensão muitas vezes negligenciada na ação política, incluindo a feminista. Temos tanta coisa pra mudar, tanta coisa pra fazer, que às vezes é difícil dar conta de registrar e escrever sobre a experiência que foi vivida coletivamente. Passamos por isso e todas as mulheres que passaram pela Universidade Livre Feminista também. Por isso, foi preciso um esforço coletivo e permanente de todas nós para fazer da sistematização uma prática política constante, que pudesse fechar o ciclo de cada formação. As sistematizações de atividades que fizemos ao longo destes 13 anos são a base desse texto.

Sem um lugar físico e uma equipe fixa de trabalho, as sistematizações formaram o percurso comum da nossa trajetória. São instrumentos

5 Tem um livro muito interessante sobre isso: *A história do caminhar*, da feminista norte-americana Rebecca Solnit.

que nos permitem recuperar o que foi vivido para investigar e propor reflexões que subsidiem o futuro. Isso nos permite falar dos limites e potencialidades da educação popular feminista quando feita à distância, virtualmente.

Este texto é uma sistematização geral que entendemos como uma trilha que percorreremos coletivamente. Para nós mulheres, é melhor quando caminhamos juntas por trilhas desconhecidas do que sozinhas. Aliás, a associação entre pedagogia e o caminhar foi algo muito presente nas nossas atividades, talvez porque caminhar é algo que não necessariamente tem um objetivo, mas importa pelo ato em si, pelo percurso e pela possibilidade que nos dá de pensar e refletir enquanto nos movimentamos fisicamente pelo mundo. Até mesmo esse ato tão fundamental e humano foi muitas vezes vedado às mulheres<sup>5</sup>, assim como a educação e o compartilhamento do saber.

A primeira parte dessa publicação recupera a proposta inicial da Universidade Livre Feminista e como ela foi se desenvolvendo, sua relação com os movimentos de mulheres, com a internet, com as universidades e quais princípios pedagógicos adotou. Na sequência, revisita as experiências pedagógicas realizadas: diálogos, cursos, campanhas educativas e também pesquisas e disseminação de conteúdos. Depois buscamos apresentar rapidamente como a Universidade se organizou durante estes 13 anos, o que possibilitou que ela se constituísse como um coletivo que, ao mesmo tempo, realizava e refletia a respeito de sua ação educativa, o que nos permite agora apresentar esta sistematização geral. Elaboramos ainda uma linha do tempo das ações educativas e um registro resumido do programa de cada uma delas.

É uma publicação que encerra um ciclo mas que (esperamos!) abre muitos outros. Vamos falar sobre as questões que se colocaram para a nossa experiência e que levaram à nossa decisão de encerrar esta etapa. É uma ferramenta para a nossa imaginação, um convite à memória para nos ajudar a lembrar, uma lembrança para nos ajudar a perguntar, e com perguntas que nos ajudem a tatear respostas possíveis. E só as perguntas nos permitem imaginar futuros feministas.





## 2. Por uma pedagogia popular feminista na internet

6 SILVA, Carmen (org.). *Experiências em Pedagogia Feminista*. Recife, SOS Corpo, 2010.

7 COLLIN, Françoise. Textualidade da libertação, liberdade de texto. *Estudos Feministas*. Número especial, Rio de Janeiro, out. 1994.

A concepção de Educação a Distância (EaD) que desenvolvemos na Universidade Livre Feminista baseia-se em **princípios** do feminismo brasileiro e da educação popular feminista<sup>6</sup>. Eles foram propostos na primeira grande reformulação do projeto, em 2013, e depois foram debatidos e reorganizados pela Rede de Colaboradoras ao longo de 2019. Para nós, sintetizam o desejo coletivo que movimentou o projeto ao longo desses 13 anos de caminhada.

**Democratização do conhecimento e da informação** – Oferecemos processos de formação política feminista gratuitos e buscamos promover a inclusão digital das mulheres. Para garantir a gratuidade, as organizações feministas que sustentam esta ação colaborativa conseguem recursos financeiros através de parcerias com organizações de cooperação internacional.

**Conhecimento como construção coletiva** – Inspiradas pela filósofa feminista Françoise Collin<sup>7</sup>, promovemos o encontro entre o “pensamento pensado”, já produzido e sistematizado ao longo da história do feminismo, e o “pensamento pensante”, o pensamento vivo, em elaboração na prática política dos movimentos feministas.

**Reconhecimento das condições de vida das mulheres** – As mulheres estão inseridas em diferentes contextos e nós tomamos tais realidades como referência para a reflexão. As relações sociais de classe, raça e gênero são estruturantes desses contextos. É essencial articular as questões debatidas nos cursos e os desafios enfrentados pelas mulheres no dia a dia moldados por estas relações sociais.

**Valorização das vivências e experiências cotidianas** – Entendemos que os conhecimentos e experiências trazidos pelas participantes são elementos centrais do processo educativo. Incentivamos o compartilhamento e a análise crítica destes saberes para elaboração coletiva de conhecimentos. Tomar o cotidiano como objeto de reflexão contribui para que cada mulher participante desenvolva a capacidade de construção de si mesma, de formulação e vivência de seu projeto feminista de vida.

**Metodologias participativas** – Utilizamos ferramentas e dinâmicas que estimulam o diálogo entre as participantes, a autorreflexão de cada uma, e a interação com a educadora e os materiais pedagógicos como textos, áudios e vídeos. Associamos isso ao uso de expressões lúdicas e múltiplas linguagens como músicas, poesias, crônicas, encenações, entre outras, para facilitar a ambiência e gerar condições de maior participação e elaboração coletiva.

**Debate de ideias e posições políticas** – Para construir conhecimentos diversos, coletivos e colaborativos, promovemos um espaço onde o respeito mútuo é fundamental, bem como a abertura para colocar seus pensamentos e posicionamentos políticos e acolher as questões trazidas pelas participantes. As atividades educativas para militantes

de movimentos sociais não podem se situar fora dos debates políticos que esta militância enfrenta no cotidiano de sua atuação. Todavia, é necessário gerar condições para que as diferenças e divergências políticas sejam respeitadas e o espaço seja entendido como tendo um caráter pedagógico e não de tomada de decisão estratégica.

**Diferentes dimensões do aprendizado** – Partimos da crítica feminista à separação entre o pessoal e o político, emoção e razão, sociedade e natureza, individual e coletivo, para construir ações educativas que articulem as diferentes dimensões reflexivas, corporais e emocionais do aprendizado. Esta abordagem encontra limites na experiência de EaD, mas não impossibilidades.

**O pessoal é político** – Buscamos criar um espaço de acolhimento e troca, onde as experiências, vivências, dúvidas e questionamentos de caráter pessoal podem ser objeto de partilha e de reflexão, sempre dialogando com as questões críticas e sociais que estão em debate. No ambiente EaD, isso exige um pouco mais das educadoras do que no espaço presencial. É necessário, ao mesmo tempo, acolher e conter as dimensões pessoais trazidas para o debate, a fim de não gerar maiores dificuldades para a participante, que está sozinha em casa, de lidar com elas ao término da interação na atividade educativa.





### 3. Metodologia: uma criação permanente

Desde a criação da Universidade Livre Feminista, nossa preocupação era desenvolver metodologias que adaptassem para o ambiente EaD (Educação a Distância) elementos da práxis educativa popular feminista. Assim, enquanto os princípios e os desafios de cada conjuntura para o feminismo norteavam as escolhas dos cursos e temas de debate, em cada processo educativo nos perguntávamos: que metodologia nos ajudará nessa discussão? Que metodologia facilitará a aprendizagem e a elaboração coletiva sobre isso?

Adotar a perspectiva do feminismo antissistêmico implicou na construção de cursos em que as mulheres, em sua diversidade de experiências, pudessem se expressar e tivessem como dialogar, encontrando seus pontos de conexão. Como dissemos, nosso intuito sempre foi valorizar as experiências e vivências de cada mulher e os conhecimentos individuais que cada uma traz para os processos formativos.

Para isso, era preciso dispor, por exemplo, de cursos gratuitos, algo que tem impacto na reflexão sobre as formas de financiamento. Porque o curso pode ser gratuito, mas é preciso garantir as ferramentas e a remuneração das profissionais envolvidas. Por isso, as organizações

da Coletiva Dinamizadora (CFEMEA, SOS Corpo e Cunhã) ficavam responsáveis por incluir atividades relacionadas à Universidade Livre Feminista nos seus projetos de financiamento; e a Secretaria Executiva tinha autonomia para formular projetos próprios da Universidade. Mesmo assim, vimos que há muitos limites nessa combinação de esforços, que levam a uma precarização grande das formas de trabalho e à dificuldade de pensar em projetos de longo prazo.

A divulgação das atividades também precisava chegar às mulheres, mesmo que estivessem distantes das capitais ou em condições limitadas de acesso à internet. No entanto, foi difícil fazer isso em uma internet moldada por algoritmos e regras de hierarquização. Nossos casos de maior sucesso aconteceram antes dessa lógica ser predominante – como no curso “Feminismo com quem tá chegando” (1ª edição, 2014), ou quando essa divulgação foi articulada com coletivos e movimentos de diversos lugares do país.

Como dissemos, na pedagogia feminista é fundamental reconhecer as condições de vida das mulheres. Isso significa entender que as mulheres precisam lidar com múltiplas formas de desigualdades, com a dupla jornada de trabalho, com o racismo e as dificuldades de acesso a direitos, entre os quais, o direito à educação. Em um curso sem certificação formal, essas desigualdades precisam ser levadas em consideração na hora de definir a carga horária e a divisão entre atividades síncronas (ao vivo, com todas juntas) e assíncronas (cada uma no seu tempo).

Ao refletirmos sobre o corpo e a questão do cuidado, decidimos que as nossas metodologias deveriam cultivar os afetos no mundo virtual, para

que todas se sentissem parte do espaço de aprendizagem, fossem acolhidas e vistas na sua integralidade. Assim, as atividades passaram a incluir momentos de cuidado coletivo e sugestões de atividades de autocuidado; apoio para a superação de obstáculos tecnológicos; e ferramentas anticapacitistas, visando a acessibilidade de mulheres com deficiência.

Como dissemos, o conhecimento, para nós, é entendido como uma construção coletiva. O reflexo mais importante disso é na concepção do papel das educadoras e das educandas. Entendemos que elas aprendem juntas a partir do diálogo.

Não nos propomos a ensinar, mas a construir juntas novos conhecimentos, a partir de ofertas de saberes sistematizados e dos intercâmbios de experiências, reflexão coletiva, vivências corporais e análises políticas. Criamos espaços virtuais ou presenciais em que todas podem se apropriar dos conhecimentos e construir novos. O papel das educadoras está mais relacionado a organizar a discussão e apresentar ferramentas de análise, diálogo e aprofundamento dos conhecimentos. Seus pontos de vista ou experiências não se sobrepõem aos das demais.

Além disso, as tecnologias precisam ser objeto de reflexão constante e preservamos ao máximo um espaço de diálogo aberto sobre elas e sobre a sua relação com os princípios que adotamos. E devem ser pensadas para além da internet. Movimentos sociais, coletivos e organizações constroem tecnologias sociais muito interessantes para os processos educativos, com o suporte de materiais simples e de fácil acesso. Em atividades semipresenciais, elas foram especialmente importantes, pois permitiam a interação ativa e corporal das mulheres

**8** HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

com objetos de construção de conhecimentos. Um exemplo foi a elaboração de uma linha do tempo do feminismo em um imenso cartaz, em que era possível incluir marcos significativos da trajetória de cada militante. A ideia surgiu na formação semipresencial do curso “Feminismo com quem tá chegando”, em 2018.

Como vocês podem ver, a cada novo curso a metodologia se colocou a serviço da proposta. Por isso, achamos importante resgatar as principais relações que cercaram essas escolhas metodológicas, antes de passar à descrição das atividades. A principal relação que sustenta a Universidade Livre Feminista é o compromisso com o feminismo, entendendo-o como movimento social, como teoria e como orientação para projetos de vida. A perspectiva metodológica da educação libertadora, como diz bell hooks<sup>8</sup>, liga a vontade de saber à vontade de vir a ser. E é isso que tentamos fazer nesta experiência coletiva.

Pensar o movimento feminista, seu contexto e desafios, sempre foi o foco principal de nossos encontros e a fonte a partir da qual organizamos nossos planos pedagógicos. A própria criação desta ação colaborativa tem a ver com a necessidade de fortalecimento da formação do movimento feminista em um país continental como o Brasil e com os poucos recursos com que contam as organizações impulsionadoras.

## **Relação com a internet**

Talvez uma virada de chave na nossa relação com a internet foi entender que ela é feita de objetos e pessoas, que sua existência está, como tudo na nossa vida, estruturada por relações de poder. E que, para

construir uma pedagogia feminista nesse espaço, era preciso entender que relações de poder são essas e em que medida seria possível burlá-las, desconstruí-las ou disputá-las.

Desde os anos 1990, a internet já estava presente na vida das pessoas, mas não da forma como a conhecemos hoje. O texto ainda veiculava a maioria das ideias, pois a velocidade e as formas de acesso não permitiam a transmissão de imagens e vídeos com tanta facilidade. Ainda não existia o termo “textão”. Muitos movimentos sociais discutiam a necessidade de manter na internet formas de comunicação contra-hegemônica, de valorizar o *software* livre e plataformas colaborativas. No Brasil, o debate circulava entre os movimentos em espaços como o do Fórum Social Mundial e nas conferências locais e nacional de comunicação. No primeiro Governo Lula, em 2003, havia a esperança de implementação, em nível nacional, de uma política de criação de pontos de acesso à internet, o que, em certa medida, se realizou.

A internet permitia processos com custos menores do que no caso dos presenciais, enquanto ampliava de forma inédita seu alcance. Havia uma discussão no campo da comunicação sobre internet livre, que dizia tanto do desenvolvimento de *softwares* livres, serviços criados em redes de colaboração, como no acesso, para garantir que as vantagens da internet pudessem ser desfrutadas por todas as pessoas. Em 2009, quando as redes sociais começaram a surgir, vimos que as mídias mais horizontais poderiam ser ferramentas poderosas nas mãos de mulheres. E de fato foram. Hoje, no entanto, vemos muito mais desafios do que potenciais, se olharmos para as redes sociais de forma antissistêmica.

9 *Software livre* é, segundo a *Free Software Foundation* (Fundação para o *Software Livre*), qualquer programa que pode ser copiado, usado, modificado e redistribuído de acordo com as necessidades de cada usuário.

Em 2010, o CFEMEA lançou o primeiro curso da Universidade Livre Feminista, voltado para gestoras, participantes de conselhos de direitos das mulheres e ativistas feministas, inaugurando a plataforma de educação à distância ([www.nota10.org.br](http://www.nota10.org.br)). Este curso serviu para testar o sistema *moodle* de educação a distância (EAD), uma plataforma de *software livre*<sup>9</sup>. Nesse início, a Universidade Livre foi estruturada em três portais: o site, com notícias sobre o movimento feminista; a plataforma de cursos no *moodle*; e a Biblioteca Feminista, uma página que funcionava com um repositório de textos feministas diversos. Também contava, nesse momento, com um canal de vídeos, no Vimeo. Em 2011, organizamos um debate sobre violência de gênero na internet em que ficou nítida a exposição à violência a que estavam sujeitas as feministas nos espaços virtuais e cujas consequências não eram menos devastadoras do que os casos de violência que experimentamos em outros espaços da vida social.

Foi aí que percebemos que, com a difusão de plataformas como Twitter, Facebook e YouTube, esse universo demandaria nossa reflexão e crítica constantes. Estar na internet implicaria, necessariamente, lidar com as contradições sobre seus potenciais e limites. Inclusive, depois da experiência produzida pelo isolamento social imposto pela pandemia do coronavírus, em 2020-2021, essas se tornaram questões comuns também a professores/as e instituições de ensino em todo o país.

No Brasil, a internet é um instrumento absolutamente desigual. Na pesquisa desenvolvida com mulheres que participaram de atividades da Universidade Livre Feminista, ficaram nítidas as dificuldades de acesso, pela fragilidade ou ausência dos serviços de internet e pela impossibilidade financeira para comprar equipamentos. E ainda pela possibilidade

10 UNIVERSIDADE LIVRE  
FEMINISTA. *Nas rodas e nas  
redes: uso da internet por mulheres  
de movimentos populares.*  
Brasília: CFEMEA, 2021.

ou não de dar atenção e ter condições de interação no ambiente em que se encontravam. Não é só uma rede precária que prejudica a participação nos cursos, mas também as condições de vida das mulheres, que estão, na maior parte, sobrecarregadas com jornadas de trabalho e em situações que lhes subtraem o tempo e a saúde.

Na internet, se reproduzem as desigualdades de acesso encontradas em outras esferas das nossas vidas. Desigualdades de classe, raça, gênero e escolaridade, assim como as desigualdades entre as áreas rurais e urbanas e as distintas regiões do país. Ainda que o acesso venha se ampliando cada vez mais, principalmente através da popularização dos *smartphones*, a qualidade da internet a que temos acesso também é muito desigual. Ela depende do fato de utilizarmos celular ou computador para acessar a rede, da capacidade de armazenamento de dados desses aparelhos, de termos um dispositivo para uso individual ou para uso compartilhado pela família. E ainda do contato e da formação que tivemos em relação a essas ferramentas, do serviço de internet que podemos contratar e também do serviço disponível nas áreas onde vivemos. O acesso à internet é também marcado pela falta de acessibilidade em muitas plataformas para pessoas com deficiência, sendo esse mais um fator de exclusão do mundo digital. <sup>10</sup>

O afastamento do universo tecnológico e digital marca a socialização feminina. Convivemos com a falta de recursos para acessar as tecnologias de informação e comunicação (TIC) e a sobrecarga com o acúmulo dos afazeres domésticos e trabalhos de cuidado.

Sentimos muito, ao longo desses 13 anos, as mudanças na própria estrutura da internet. Desde que as grandes corporações passaram

a criar plataformas, vemos uma migração dos esforços de produção de conteúdo, organização de debates e outras ações de formação, para dentro delas. São ambientes oferecidos gratuitamente, mas inteiramente baseados no comércio de dados e informações dos perfis, controlados por empresas cujas regras não obedecem às mesmas legislações em todos os países e não garantem a segurança das mulheres em relação aos discursos de ódio, violência e ameaças, pelo contrário. E apesar dos avanços em termos de conexão e facilidade de compartilhamento das informações, a internet parece ter se tornado mais hostil às iniciativas e projetos coletivos transformadores.

Não passamos imunes. Das iniciativas de construção de *softwares* livres, migramos para um universo dominado por poderosas corporações globais, em grande medida devido às facilidades que as plataformas de grandes corporações digitais oferecem. Capazes de criar uma interatividade fácil e acessível, elas se impõem de tal maneira que arrastam parte da produção de conhecimentos para dentro delas, inclusive a feminista. Ao mesmo tempo, suas regras de uso são extremamente permissivas com questões como a violência, discurso de ódio e *fake news*.

A internet mudou, migrou para uma dinâmica de perfis extremamente individualizante e com limites para o aprofundamento do debate. Mesmo que os símbolos feministas estejam mais presentes na cultura pop do que nunca e o feminismo tenha se tornado um tema incontornável de diversos grupos, vivemos quatro anos sob um governo fascista no Brasil. Estamos inseridas em um sistema capitalista mundial que se molda também na e com a internet. O uso das redes sociais pelos apoiadores da extrema direita no Brasil é prova disso.

De que forma podemos construir espaços livres e seguros para as mulheres produzirem e socializarem conhecimentos na internet? Essa pergunta nos levou a construir alternativas como a cartilha sobre segurança digital, que atualmente chamamos de ‘cuidados digitais’, por entendermos que na rede também é preciso enfrentar a violência contra as mulheres. Hoje sabemos que jamais estaremos seguras na rede, assim como em toda a vida, mas que podemos gerar entre nós formas mais cuidadosas de atuarmos e com isso protegermos a nós mesmas e a nossa produção.

Há uma diferença significativa da formação na internet em relação aos processos presenciais, que é a redução do contato entre educadoras e educandas àquilo que é possível apreender pelos vídeos ou textos. A vivência do corpo, tão central para a reflexão feminista sobre o que é ser mulher, no ambiente virtual, é percebida de outra forma. Embora os textos também produzam afetos diversos, a ausência das falas, gestos, toda a dimensão que a presença física evoca e, portanto, ensina, também impõem limites. Mulheres que se expressariam com desenvoltura de forma presencial podem não ter a mesma segurança ao escrever os seus textos, e vice-versa. Neste sentido, a educação feminista na plataforma *moodle* oferecia mais barreiras que aquela realizada mais recentemente nas plataformas de reuniões ao vivo.

Da reflexão sobre essa relação, ficam algumas questões: será que perdemos a batalha pela democratização da comunicação? Conseguiremos formular saídas para repensar uma internet feminista? Continuaremos organizando espaços de debate coletivo nessa estrutura virtual? E como tensionar a insistente desigualdade de acesso à rede?

## **Relação com os domínios formais do saber**

Os espaços educativos tradicionais, como as escolas e as universidades, não são, em sua maioria, transformadores ou incentivadores de processos transformativos. Ainda assim, foi nas brechas desse sistema que o movimento feminista brasileiro conseguiu fazer avançar o debate sobre gênero e todas as opressões no Brasil. As universidades tradicionais contribuíram para a consolidação de um campo de saberes que nutre até hoje os movimentos de mulheres.

Graças à luta de muitas mulheres para ocupar espaços de produção de conhecimentos institucionalizados, como as universidades públicas e privadas, as instituições de pesquisa e fundações públicas, há no Brasil uma grande circulação de referenciais teóricos e políticos feministas. Os primeiros encontros nacionais feministas aconteceram em espaços científicos: na SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, assim como muitas atividades e debates ainda ocupam os prédios desse tipo de instituição.

Quando o projeto da Universidade Livre Feminista começou a ser gestado pelas organizações, recuperamos o histórico das universidades populares, que surgiram na Europa a partir do século XVII, e das experiências brasileiras, especialmente reivindicadas pelos movimentos sociais. Elas embasaram o desenvolvimento de projetos de extensão em lugares importantes. Ao longo dos anos, muitos movimentos nacionais, como por exemplo o Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra – MST, criaram escolas e programas de formação. A CUT manteve

e a CONTAG mantém escolas de formação permanente para a militância sindical. No movimento feminista também existem diferentes experiências educativas, muitas tocadas por organizações não governamentais que atuam nos movimentos e algumas realizadas pelos próprios movimentos de mulheres. No caso da Universidade Livre Feminista, ela foi construída por algumas organizações e é profundamente identificada com um dos movimentos nacionais feministas, a Articulação de Mulheres Brasileiras, presente em quase todos os estados do país, e que se organizou depois da Conferência de Mulheres de Pequim, em 1995. A Universidade não é da AMB, mas comunga do mesmo campo político.

A Universidade Livre Feminista não nega a importância dos saberes produzidos a partir de espaços como os das universidades. No entanto, mescla esses saberes às contribuições dos movimentos sociais, aos conhecimentos produzidos nas organizações da sociedade civil, às reflexões geradas em processos de luta por transformação e também às experiências de cada mulher.

Por tudo isso, destacamos a importância da formulação dos princípios da Universidade Livre Feminista, os quais bebem das experiências de educação popular paulofreireana e das experiências de construção do movimento feminista brasileiro. Refletem o desejo de que ela seja um espaço pedagógico livre.

## **Relação com o lugar das educadoras**

Diferente de algumas experiências em EaD, não utilizamos os termos tutora e tutoria em nossa prática pedagógica, já que, em nossa leitu-

ra, esses termos remetem a tutela, ideia de guia, orientação, proteção ou mesmo autoridade de uma pessoa sobre outra. Embora existam iniciativas que propõem algo diferente, geralmente a tutoria em EaD significa apenas orientar ou facilitar o estudo, tirar dúvidas, remeter questões para professores, organizar atividades. Para uma educação que se pretenda transformadora, entendemos que a atuação das educadoras deve ir além.

Como nas atividades presenciais de formação feminista, as educadoras que acompanham as atividades virtuais estimulam processos de reflexão individual e coletiva, sintetizam debates, mediam controvérsias, problematizam questões e aportam outros conhecimentos. Isso contribui para que, além da apropriação individual dos conteúdos, o processo pedagógico também favoreça a elaboração/produção coletiva de pensamento e conhecimento críticos.

É importante que as educadoras tenham acúmulo de certo conhecimento sobre os temas ou questões abordadas e estejam dispostas a aportar seus diferentes saberes no processo de construção da formação. Se, de um lado, valorizamos e partimos da experiência e do conhecimento das participantes, de outro, compreendemos que os saberes e as experiências das educadoras são centrais no processo educativo. Não se trata, portanto, apenas de facilitar aprendizados, estimular o acesso aos conteúdos, mas, sobretudo, de desencadear e fazer parte de um processo de construção de conhecimentos.

Outro ponto para as educadoras feministas no ambiente EaD é a capacidade de articular as dimensões objetivas e subjetivas da vida das parti-

participantes, numa perspectiva de cuidado individual e coletivo no processo pedagógico. Isso exige a adaptação, para o espaço virtual, de práticas como a “observação atenta”, a “escuta ativa”, o “saber acolher”, desenvolvendo o aprendizado do “saber ler” as mulheres, e os grupos, nas linhas e entrelinhas dos textos escritos, comentários, áudios e imagens.

Um dos nossos desafios mais comuns é reaprender a interpretar o silêncio. Se nas atividades presenciais o silêncio pode ser considerado uma forma de participação (pois o olhar permite perceber outros modos de interação), no ambiente virtual, essa observação se torna mais difícil, exigindo cuidado e atenção. Ou seja, o fazer da educação feminista no ambiente EaD, tanto quanto no presencial, é uma ação desafiadora, mas em EaD os desafios são maiores. Especialmente quando ela se propõe a nada menos que transformar as mulheres para estas, juntas, transformarem o mundo.

Utilizamos diversos materiais pedagógicos em distintas linguagens para facilitar a interação, o acesso a conteúdos e a expressão e reflexão das participantes. No período em que utilizamos a plataforma *moodle*, essa potencialidade era mais restrita: ela exigia a interação por escrito ou por postagens de imagens, mecanismos mais difíceis para as mulheres com pouca apropriação em relação ao funcionamento dos computadores e celulares. Além disso, o caminho a percorrer na plataforma para chegar ao lugar no qual se podia escrever ou postar imagens era longo, sem contar que muitas das participantes não o faziam a partir de um computador e, sim, de um aparelho de celular. Essa situação nos desafiou a buscar construir conhecimentos sobre o uso da internet por mulheres populares militantes de movimentos sociais. Para isso, realizamos uma

pesquisa que se transformou na publicação *Nas rodas e nas redes: uso da internet por mulheres de movimentos populares*, da qual falaremos depois.

Na plataforma *moodle*, a discussão de cada curso era organizada a partir de um percurso pedagógico previamente traçado, que se dividia em módulos, chamados por nós de trilhas. Cada participante começava a sua trilha lendo o objetivo dela e qual a temática seria abordada. Na sequência, elas eram convidadas a ver um vídeo ou ler um pequeno texto (no máximo, quatro páginas) e escrever, dialogando com questões propostas pelas educadoras para o debate. Na primeira trilha de cada curso, normalmente, se buscava que cada uma se apresentasse e trouxesse para a roda suas experiências sobre a temática do curso. Com isso, conseguimos um maior engajamento inicial e também se despertava o desejo por intercâmbio com as outras, pela busca de novos conhecimentos e aprofundamento da reflexão coletiva.

Quando saímos da plataforma *moodle*, adotamos plataformas que permitem interação simultânea, e o processo de debate e reflexão coletiva foi bastante facilitado. As mulheres podem se expressar oralmente, serem vistas ao falar e quando estão caladas, o que aumentou um pouco a interação entre elas e não apenas de cada uma com a educadora, que era a forma mais comum na plataforma *moodle*. Infelizmente, a maioria destas plataformas é propriedade de grandes corporações, com políticas controversas de cessão dos dados das pessoas que as acessam. Chegamos a testar algumas alternativas em *software* livre, mas que se mostraram pouco acessíveis para as participantes dos nossos cursos.

Antes de qualquer atividade de formação, as educadoras faziam uma discussão sobre as plataformas, considerando os limites e potencialidades de cada uma, e de que forma elas facilitariam os debates em torno de cada tema. Isso faz parte da metodologia, que era entendida como a construção de um caminho a ser percorrido por todas. As condições do caminho estruturavam a caminhada.

Já a escolha dos temas de debate teve origens diversas. Muitos partiram de projetos das organizações da Coletiva Dinamizadora ou de sugestões de parceiras. Outros surgiram de demandas das educandas ou de uma avaliação coletiva da necessidade de discutir determinada conjuntura para o feminismo. Mas, como cada um deles se desdobrava na formação, dependia diretamente da reflexão conjunta do grupo de educadoras responsável. As educadoras eram da Rede de Colaboradoras, ou coletivos interessados em realizar a atividade de formação.

## **Relação com os movimentos feministas e suas lutas**

Nestes 13 anos de experiência da Universidade Livre Feminista, procuramos estar conectadas com os momentos políticos do movimento feminista, fossem os processos gerais de organização e expressão, fossem suas lutas e reivindicações. Quando deixamos de fazer inscrições individuais abertas na internet e passamos a aceitar a inscrição de coletivos locais e/ou movimentos de mulheres como inscrição co-

letiva, ou mesmo inscrições individuais de pessoas vinculadas a movimentos, essa integração ficou mais nítida.

Esta mudança permitiu à Universidade chegar a territórios locais nunca antes possíveis. Foi assim que tivemos uma grande experiência pedagógica em Parintins, na Amazônia, com mulheres com baixíssimo acesso à internet, outra em Porto Alegre, com um coletivo de mulheres com deficiência, que foi central para nosso debate sobre acessibilidade. Também chegamos a grupos de periferia das grandes capitais como Recife e a pequenas cidades do interior do Brasil. Antes já realizávamos ações em parceria com movimentos, como foi o caso do Diálogo sobre racismo com o Fórum Cearense de Mulheres ou o curso sobre Reforma do Sistema Político, com a AMB. Porém, com a mudança na forma de inscrição, passamos a fazer atividades semi-presenciais, ou seja, que tinham parte da metodologia virtual e parte ocorrendo nos diferentes territórios. Esta mudança aproximou muito a Universidade Livre Feminista da concretude da vida das mulheres e de suas organizações locais.

De certa forma adaptamos para o ambiente EaD algo como uma pedagogia da alternância. As educadoras dos coletivos selecionados para participação vivenciavam uma experiência de formação presencial coletiva, em seguida realizavam atividades de formação em seus territórios, e depois contribuíam para que todas as mulheres envolvidas participassem do momento de formação virtual, e elas mesmas tinham um espaço próprio de intercâmbio virtual que favorecia o aprofundamento da prática pedagógica.

A cada ano, quando reuníamos a Rede de Colaboradoras para pensar o plano anual, colocávamos em dia nossas reflexões sobre o momento atual da internet e o contexto dos movimentos feministas. Isso nos permitia colar as nossas atividades de formação propostas em questões que estavam atravessando o conjunto do movimento, a exemplo do antirracismo, do cuidado coletivo, das políticas para mulheres, a chegada de muitas, entre outros, mas também em gerar contribuições que subsidiassem as lutas do momento, a exemplo de cursos sobre o sistema político, sobre a reforma da previdência, sobre a própria internet etc.

Na experiência do curso Navegando Juntas pelos Desafios da Internet, o trabalho pedagógico foi feito em plataformas de reuniões online e contando com o apoio de um aplicativo de mensagens. Neste momento a integração do curso com os coletivos das mulheres participantes se deu pela socialização de vários materiais pedagógicos criados especificamente para o curso. Tornou-se mais fácil para uma participante comentar o aprendizado sobre como abrir uma reunião virtual ou como fazer limpeza no WhatsApp, quando ela tinha um vídeo pedagógico como base para discussão com suas companheiras. A construção da metodologia do curso Navegando juntas nos desafiou a avançar mais do que projetávamos nestes treze anos em produção de materiais pedagógicos feministas para ambiente virtual.





## 4. Principais ações educativas

Quando iniciamos a Universidade Livre Feminista, pensamos em alguns formatos de ações educativas que poderíamos desenvolver: residências, conferências livres, sessões de inquietação, diálogos e cursos, sendo que os dois últimos foram os que mais permaneceram na experiência. A ideia de conferência livre não vingou, e depois de 2016 foi substituída por *lives* e webinários.

As ações educativas realizadas dialogam com as demandas dos movimentos feministas e de mulheres e buscam responder aos desafios da conjuntura e à transformação tecnológica. Nossas principais ações foram cursos para fortalecer a resistência das mulheres organizadas em coletivos, redes e articulações; debates para pensar criticamente a internet e colaborar na apropriação das mulheres no uso das tecnologias de informação e comunicação – TICs; pesquisas e publicações sobre acesso à internet, TICs e cuidados digitais, divulgação da produção científica das mulheres e campanhas educativas sobre feminismo popular e sobre acesso e uso da internet e das TICs.

## Residências Artivistas

Realizamos duas **Residências Libertárias Artivistas**, em 2013 e 2014, em Brasília e no Ceará, respectivamente. Foram dois encontros que reuniram mulheres artistas e feministas para a reflexão coletiva, a troca de experiências, o intercâmbio de conhecimento, a construção e realização de ações contraculturais feministas, antirracistas e anticapitalistas. Isso tudo a partir de diferentes estratégias artísticas, estéticas ou simbólicas e de variadas linguagens – teatro, música, vídeo, fotografia, poesia, performance, grafite e outras intervenções. Diferentes artistas propuseram oficinas e experimentações estéticas. Tínhamos também momentos de debate e reflexão coletiva sobre como o artivismo estava presente nos movimentos feministas, que tensões e potencialidades existem e como aproveitar essas experiências na pedagogia feminista.

As residências tiveram como resultado várias produções artísticas coletivas como clipe, ensaio fotográfico, música, performance e outras. Isso aproximou algumas artistas do movimento feminista, mas não gerou engajamento permanente. O encontro mostrou que a proposta era interessante em si mesma, e sua perspectiva libertária precisava inclusive de mais autonomia para se construir. Alguns vídeos produzidos nesses processos vazaram para a internet e causaram riscos e preocupações para as participantes e para as organizações promotoras. As tensões entre o artivismo e a militância dos movimentos pareciam apontar que precisaria haver um interesse prévio das artistas em ações organizadas coletivamente para que estas experiências tivessem mais fôlego.

11 ARANTES, Rivane (org.).  
*Abre Caminhos: Ventos  
que sopram dos diálogos  
interculturais feministas*. Recife:  
SOS Corpo, 2021.

## Diálogos

A ideia de **Diálogos** foi referenciada nos Diálogos promovidos pela Articulación Feminista MarcoSur<sup>11</sup> em diversas edições do Fórum Social Mundial, desde 2001, diálogos intermovimentos, diálogos interculturais, diálogos feministas, e que seguiram com várias iniciativas da Articulação de Mulheres Brasileiras. Nestes Diálogos, por alguns dias, ativistas se reuniam presencialmente para analisar situações específicas e trocar experiências a partir dos distintos lugares em que se situam, mapear uma situação problemática e discutir estratégias políticas. Na Universidade Livre Feminista, experimentamos levar para o virtual essa proposta, promovendo o encontro entre feministas que atuam em diferentes espaços (movimentos de mulheres, academia, poder público), mas todas com o sentido comum de luta antipatriarcal, antirracista e anticapitalista.

O formato do Diálogo era o de um encontro demorado. Por cerca de quarenta e cinco dias, um grupo de trinta a cinquenta mulheres se encontra virtualmente na *plataforma* de educação, podendo ser a plataforma *moodle* ou através de uma lista de e-mails. Para estimular o diálogo e a troca de ideias entre as participantes, uma ou duas pessoas são convidadas a apontar inquietações, fazer provocações, agitar determinados assuntos ou questões para estimular a conversa entre as participantes. Ao final, faz-se uma síntese das principais questões refletidas e debatidas pelo grupo e pode-se apresentar novas que emergiram para serem encaradas noutra momento.

**12** FERREIRA, Beth; OLIVEIRA, Guacira. *Feminismo negro e feminismo antirracista*. Brasília: CFEMEA, 2019. Disponível em: [https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2022/08/Feminismo-negro-e-feminismo-antirracista\\_ebook.pdf](https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2022/08/Feminismo-negro-e-feminismo-antirracista_ebook.pdf).

Acesso em: 22 nov. 2022.

**13** CFEMEA. *Cuidado e autocuidado entre ativistas: diálogos virtuais*. Brasília: CFEMEA, 2020. Disponível em: [https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2021/03/CuidadoAutocuidadoAtivistas\\_Zine2020\\_WEB2.pdf](https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2021/03/CuidadoAutocuidadoAtivistas_Zine2020_WEB2.pdf). Acesso em: 21 nov. 2022.

Destacam-se neste formato o Diálogo Virtual Arte, Política e Feminismo, realizado em novembro de 2014, o Diálogo Feminismo Negro e Feminismo Antirracista, em parceria com o Fórum Cearense de Mulheres, realizado em 2016, sistematizado em uma publicação eletrônica<sup>12</sup>, e o Diálogo Cuidado e Autocuidado entre Ativistas, que também recebeu uma publicação<sup>13</sup> em um dos seus processos.

Houve também um diálogo cuja proposta inicial era criar um diário de quarentena a partir das experiências das mulheres, militantes da AMB, durante a pandemia de coronavírus, sendo um espaço de troca e compartilhamento da fala. Mas o fôlego acabou rápido e esses processos não tiveram continuidade. Antes vivemos outra proposta que teve efetividade, a formação sobre cuidado e autocuidado entre ativistas, em 2019, com quatro horas de encontro semanal e 33 inscritas. As dificuldades com a plataforma *moodle* foram um dos principais problemas apontados para a participação das mulheres.

## Cursos

Na Universidade Livre Feminista, o conhecimento é entendido como uma construção coletiva a partir do diálogo. A ideia não é ensinar, mas construirmos juntas novos conhecimentos. Nossos **cursos** são espaços de encontro entre o pensamento pensado, o conhecimento já sistematizado por outras mulheres, e o pensamento pensante, o conhecimento vivo, identificado na vivência de cada uma. Nos cursos são formadas turmas acompanhadas e dinamizadas por educadoras, que estimulam a reflexão e a troca de experiências entre as participantes, além de aportar conteúdos em consonância com os debates.

**14** Para melhor compreender, veja a publicação da primeira edição do curso. CFEMEA. *Trilhas Feministas na Gestão Pública*. Brasília, CFEMEA, 2010. Disponível em: <https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2022/09/trilhasfeministanagestaopublica.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2022.

Os cursos são elaborados com um conteúdo programático a ser debatido a partir de textos, vídeos, músicas, imagens e poesias, e se apoiam em metodologias dialógicas e participativas. Buscamos cultivar o afeto no mundo virtual, criando um ambiente onde as participantes se sintam acolhidas, possam superar os obstáculos tecnológicos e de aprendizado e se fortaleçam na construção de um pensamento crítico e antissistêmico.

Até 2014, os cursos eram exclusivamente on-line. Realizados a partir de um tema, podiam ou não ter educadoras, geralmente com inscrições abertas para mulheres de todo o país. Os processos sem educadoras contavam com um sistema que auxiliava na realização das ações necessárias para que fossem concluídos, através da plataforma *moodle*. Os cursos com acompanhamento de educadoras, que foram a maioria, tinham um programa temático dividido em módulos, chamados trilhas. Cada trilha tinha um tema e uma abertura que orientava o debate sobre ele. Nesta abertura era postada a orientação da trilha e vídeos ou textos que introduziam o tema a ser debatido pelas participantes.

Dentre os cursos realizados no primeiro período destacamos alguns: *Trilhas Feministas na Gestão Pública*, em duas edições (2010 e 2016), *Reflexões Feministas Sobre o Sistema Político*, em 2012-2013, *Feminismo Com Quem Tá Chegando*, realizado em cinco edições, entre 2014 e 2018, *Política Feminista e Transformação Social*, em 2019, e *Navegando Juntas Pelos Desafios da Internet*, em 2021.

O curso **Trilhas Feministas na Gestão Pública**<sup>14</sup> foi voltado para conselheiras, gestoras, funcionárias públicas atuantes nesta área e militantes

dos movimentos de mulheres de todo o Brasil. Foi inspirado em um curso anterior, com o mesmo nome, que o CFEMEA havia realizado e que resultou em uma publicação. Teve duração de quatro meses e reuniu 220 mulheres.

No primeiro Trilhas, o cenário era de existência mínima de estruturas no governo federal como as da Secretaria de Políticas para as Mulheres e Secretaria de Promoção da Igualdade Racial. O curso de 2016 se propôs a sistematizar as percepções do início do desmonte, logo após o golpe que tirou Dilma Rousseff do poder. Foi nesse curso que sistematizamos a ideia de “trilhas” como um percurso educativo proposto, que não necessariamente precisaria ser feito na ordem sugerida e que não tinha a intenção de encerrar o assunto, mas de levar a outros caminhos possíveis. O curso foi interessante para mulheres que trabalham com temas como poder e políticas públicas por abordar questões como orçamento público, desenho de políticas sociais e as principais questões das políticas de gênero.

O curso **Reflexões Feministas Sobre o Sistema Político** buscou contribuir com o momento das eleições, dando alguns fundamentos da discussão sobre representação política das mulheres. A ideia era aprofundar o debate, ir além de “mais mulheres no poder” e discutir o sistema político mesmo. Foi realizado na plataforma *moodle*, com baixa participação nos fóruns de debates, mas chamou atenção pelo pouco conhecimento das mulheres militantes do movimento feminista sobre como funciona o sistema político brasileiro. Na avaliação, foi apontada a necessidade de vídeos e conteúdos próprios, o que serviu de inspiração para o maior investimento em materiais pedagógicos para os cursos que se seguiram.

No curso **Feminismo Com Quem Tá Chegando**, nosso objetivo foi realizar uma introdução ao feminismo, compartilhando conhecimentos e experiências com militantes de coletivos e movimentos de mulheres que estão descobrindo o feminismo e querem dele se apropriar e participar. Esse curso partiu da constatação de que passávamos por um período de muita renovação do feminismo, com muitos coletivos novos e com muitas mulheres atuantes na internet e/ou interessadas no assunto.

Inicialmente foi pensado como um curso para mulheres em geral e não para militantes. A primeira edição alcançou mais de duas mil inscrições em menos de 24 horas, o que nos gerou grande dificuldade em um processo de seleção e na construção de turmas muito grandes. Na edição de 2018, as inscrições foram abertas para coletivos de mulheres, e não para participantes de forma individual. Foram selecionados 16 coletivos, que indicaram suas educadoras, que participaram de um encontro presencial de formação em conjunto com as educadoras do espaço virtual e, posteriormente, acompanharam os módulos virtuais intercalando com encontros presenciais em suas localidades. Essa escolha partiu da constatação de que, nesse momento mais recente, e no contexto político pós-golpe institucional, era mais interessante fortalecer os grupos em sua atuação territorial. Para tanto, contamos com recursos financeiros para apoio à realização das oficinas locais. Este formato semipresencial fez a diferença porque a evasão foi bem reduzida. Foi um dos cursos em que mais nos dedicamos à elaboração de textos próprios, buscando um tamanho médio, entre três e cinco páginas, e linguagem acessível, mesmo assim sentimos dificuldade de promover o engajamento na leitura.

Enfrentamos também os mesmos problemas anteriores e refletimos sobre novos caminhos. Frente às precárias condições de acesso à internet das participantes de nossos processos, ponderamos realizar uma pesquisa para identificar os limites e potências da atuação de militantes populares neste espaço. Pela primeira vez contamos com a participação de um grupo de mulheres com deficiência (As Inclusivas). A partir desta primeira experiência, avaliamos a baixa acessibilidade para mulheres com deficiência, o que nos levou a enfrentar esse desafio posteriormente, construindo uma parceria com um coletivo especializado que nos ajudasse a enfrentá-lo, o Coletivo Feminista Helen Keller de Mulheres com Deficiência. Outro problema verificado foi a tensão derivada das diferentes perspectivas feministas que orientavam as educadoras, em especial dos momentos virtuais, o que nos levou a pensar na relevância de investirmos mais em formação de educadoras e intercâmbios de práticas pedagógicas no feminismo. Lidamos ainda com a falta de representatividade racial entre as educadoras virtuais do curso, o que nos impôs uma profunda reflexão sobre medidas para implementar o antirracismo na prática educativa da Universidade Livre Feminista.

O curso **Política Feminista e Transformação Social** foi idealizado visando contribuir para o processo de resistência democrática e de luta antifascista no contexto do golpe de 2016 com o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e a posterior eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência da República. Ele foi realizado de forma virtual e presencial com coletivos e movimentos feministas de todo o país. Sua proposta foi oferecer subsídios teóricos e políticos para potencializar a auto-organização das mulheres nas suas lutas por igualdade e justiça social, numa perspectiva antissistêmica. E assim fortalecer

a luta feminista contra a ofensiva neoliberal e fundamentalista de retirada de direitos e contra a violência patriarcal, racista e heteronormativa que estava se aprofundando no país. Foram selecionados 13 coletivos para participar do processo. Também realizamos um encontro de formação das educadoras dos grupos e investimos mais no compartilhamento de metodologias das oficinas presenciais entre as educadoras envolvidas, aquelas que atuavam na ação presencial e as do ambiente virtual.

O curso **Navegando Juntas pelos Desafios da Internet**, em 2021, dialogava com um contexto político duplamente ameaçador: o governo Bolsonaro e a pandemia de Covid-19. O desafio era engajar coletivos de mulheres, para os quais foi imposta durante a pandemia a atuação em meio virtual, no debate sobre a internet, os riscos e os usos que os movimentos sociais podem fazer e fazem dela.

A ideia foi provocar um debate sobre os impactos da internet nas nossas vidas, aprofundando reflexões críticas sobre o nosso uso da internet e cuidados digitais. Outro objetivo foi contribuir para maior apropriação de ferramentas simples, como as de suporte a reuniões on-line, as ferramentas de acessibilidade dos celulares, plataformas de pesquisa na internet e aplicativos mensageiros como o Signal e o WhatsApp.

Conversar sobre os desafios da internet, usando a própria internet como espaço de comunicação do curso, foi uma experiência de muito aprendizado para nós. E para tornar os conteúdos acessíveis e os espaços de troca interessantes, construímos uma metodologia que utilizou diferentes plataformas digitais. Costuramos ainda atividades práticas com encontros para conversar sobre a internet a partir das

nossas experiências e espaços onde pudemos ouvir a contribuição de companheiras que estão pensando sobre esses temas de forma mais aprofundada.

## **Pesquisas**

Ao longo do processo de construção da Universidade Livre Feminista, percebemos, ao refletir sobre as experiências educativas, que muitas questões que nos interessam ainda não foram ou são objeto de estudo. Por isso, desenvolvemos pesquisas para subsidiar nossa própria atuação e contribuir com a reflexão feminista sobre os desafios que afligem não só a nossa experiência, mas de muitas outras.

Desde a criação da Universidade Livre Feminista buscamos identificar questões que nos desafiam em nossa prática feminista na internet. Para construir bases sólidas para nosso trabalho, nos propomos a investigar a realidade das mulheres visando melhor compreender as dinâmicas que entrelaçam o fazer político feminista, a internet e as TICs. As pesquisas são um importante aporte na reflexão sobre nossa prática e na busca por aperfeiçoar nossas ações e embasar materiais de apoio para fortalecer a ação política das mulheres em seus movimentos.

**A Guia Prática de Estratégias e Táticas para a Segurança Digital Feminista** foi construída pela Universidade Livre Feminista, que além do CFEMEA e do SOS Corpo envolveu as parceiras Marialab e Blogueiras Negras, a partir de uma pesquisa sobre as técnicas e ferramentas seguras que podem ser usadas pelas mulheres. A proposta foi dialogar com mulheres, especialmente ativistas, e coletivos feministas sobre

segurança digital. A Guia foi lançada com uma campanha sobre cuidados digitais para ativistas durante o 14º Encontro Feminista da América Latina e Caribe (EFLAC), em Montevidéu, em 2017.

Como reação à nossa crescente ocupação do ambiente digital, ativistas e coletivos feministas que se destacam por sua atuação na internet também sofreram com a vigilância e diversas manifestações de violência. Nas ruas, em casa, no trabalho, nos movimentos, nossos corpos são alvo de assédio, estupro, racismo, lesbofobia, transfobia e criminalização. Na internet ocorre o mesmo e, apesar deste espaço estar sendo ocupado pelos feminismos, ainda discutíamos pouco as violências que vêm se intensificando neles cada vez mais.

O território digital é um ambiente misógino e racista. As agressões são inúmeras e sistemáticas e tendem a ser banalizadas, pouco visibilizadas ou reconhecidas. Neste sentido, evidenciar essas violências e entender que cuidados podemos tomar é um dos primeiros passos para criarmos um ambiente digital mais seguro para as militantes feministas. A ideia da campanha foi provocar o debate sobre nossa mudança de comportamento no espaço virtual e no uso de ferramentas e dispositivos que utilizamos no dia a dia.

O intuito foi provocar o debate sobre a importância de um comportamento seguro em relação à internet junto a feministas que atuam de forma individualizada na rede e/ou militantes de coletivos e movimentos organizados. E compartilhar os métodos de proteção e segurança na utilização de celulares e *smartphones*. Além da disponibilização da Guia na página da Universidade Livre Feminista e de suas

parceiras, foram criadas minicartilhas (impressas e digitais) sobre estas duas abordagens.

A principal pesquisa desenvolvida na Universidade Livre Feminista, até agora, foi sobre o **uso da internet por mulheres de movimentos populares**, que deu origem à publicação *Nas rodas e nas redes: uso da internet por mulheres de movimentos populares*.

Nas últimas décadas, o feminismo ocupou cada vez mais espaços na internet e a internet passou também a ocupar lugares cada vez mais estratégicos nas disputas políticas em curso no país e mundo afora. Os blogs e as redes sociais foram a porta de entrada de muitas militantes para o feminismo, principalmente para a geração nascida a partir da década de 1990.

Ao mesmo tempo, a militância é um estímulo para que muitas mulheres, antes excluídas desse universo, se apropriem da internet, movidas pela necessidade de utilizar redes sociais, e-mails e outras ferramentas para mobilização e articulação política. Sendo a Universidade Livre Feminista um projeto político-pedagógico que surge com o intuito de explorar as possibilidades colocadas pela ampliação do acesso à internet, nos interessa saber o papel que ela cumpre nas nossas experiências individuais e de articulação política, como explorar esses recursos de maneira contra-hegemônica assim como as suas limitações.

As questões apresentadas na primeira parte dessa sistematização refletem alguns dos desafios que enfrentamos. Elas motivaram a realização da *Pesquisa-diagnóstico Mulheres populares militantes e uso da internet*, cujo

objetivo foi contribuir para a superação das dificuldades que encontramos na realização de processos educativos e de comunicação com mulheres de diferentes partes do país. As diferenças entre o acesso à internet pelos celulares e pelo computador, por exemplo, alteram bastante o engajamento nos processos de formação através da educação à distância. A qualidade da conexão e a capacidade de armazenamento de dados também são determinantes para que os conteúdos possam ser acessados.

Estes são desafios presentes no cotidiano das militantes com quem dialogamos e nos articulamos politicamente, em processos formativos virtuais e presenciais. Para conhecer melhor estas realidades e traçar estratégias criativas de enfrentamento a estes desafios, realizamos em junho de 2018 a pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com atividades em três cidades do Brasil, nas regiões Norte e Nordeste.

Em Parintins, Amazonas (AM), realizamos a pesquisa com mulheres urbanas e rurais de classes populares. Em Pacajus, Ceará (CE), com mulheres de comunidades indígenas, quilombolas, pescadoras e agricultoras, atuantes em movimentos mistos quanto ao a sexo/gênero. E, no Recife, Pernambuco (PE), as interlocutoras eram militantes feministas de diferentes periferias da Região Metropolitana. As oficinas da pesquisa tiveram momentos de roda de diálogo ou grupo focal com atividades práticas de acesso ao site e à plataforma da Universidade Livre Feminista. Discutimos como a internet está inserida no nosso cotidiano, quais são as dificuldades enfrentadas para o acesso à internet e como nos relacionamos com o conteúdo que acessamos nesse universo. As atividades práticas foram desenvolvidas com o intuito de avaliar a acessibilidade dos nossos canais.

Na composição dos grupos que participaram da pesquisa, buscamos garantir diversidade racial, etária, de escolaridade e de envolvimento com movimentos feministas, movimentos de mulheres ou outros movimentos sociais. As oficinas revelaram pontos de aproximação entre as experiências das participantes dos diferentes estados, mas cada realidade apresenta suas especificidades. Dentro de cada oficina, as trajetórias das participantes evidenciaram a pluralidade das relações que estabelecemos com a internet, mostrando que diferenças e desigualdades geracionais, de escolaridade, profissionais e nas dinâmicas familiares também interferem na forma como estamos inseridas no mundo digital.

Além de produzir novos conhecimentos, a Universidade Livre também quis difundir conhecimentos feministas produzidos por outras mulheres. Assim nasceu o projeto **Prosas Feministas: pesquisas de mulheres para mudar o mundo**, realizado em 2021. A ideia foi visibilizar a produção de conhecimento das mulheres na academia e/ou a partir dos coletivos e movimentos feministas. As conversas ao vivo ocorreram uma vez por mês no nosso perfil no Instagram (*@ulivrefeminista*) em formato de entrevista, mediadas por colaboradoras da Universidade Livre Feminista em diálogo com pesquisadoras convidadas.

As Prosas são transmissões ao vivo curtas, entre 30 e 40 minutos, que articulam temas como a questão de pesquisa, a metodologia empregada e os principais aprendizados do estudo realizado. Os textos acadêmicos ficam disponibilizados no site da Universidade Livre Feminista, assim como outras referências ligadas às temáticas. As pesquisas transitam por diferentes áreas do conhecimento, como Serviço So-

cial, Literatura, Psicologia, Educação, Saúde Coletiva, Comunicação, Tecnologia, Ciências Sociais e Ciência Política.

O conteúdo fica disponível para acesso posterior através do IGTV da Universidade Livre Feminista no mesmo perfil do Instagram. Essa ação busca ampliar e fortalecer nossa relação com mulheres que estão desenvolvendo pesquisas feministas em regiões periféricas do Brasil e vivenciam a invisibilidade da produção de conhecimento, especialmente em áreas do saber consideradas menores.

## **Campanhas educativas**

As campanhas educativas visam ampliar o debate entre movimentos feministas sobre temáticas relacionadas às TICs, à internet e ao feminismo antirracista, anticapitalista, no enfrentamento ao capacitismo e à heteronormatividade, fortalecendo a Universidade Livre Feminista como espaço de troca e aproximando pessoas e movimentos que a acompanham, para além das participantes de nossos cursos.

A campanha **O que Você Aprendeu Com o Feminismo?** Inaugurou uma fase da Universidade Livre Feminista, em 2014, acompanhando um novo programa de atividades e cursos. Teve um caráter colaborativo, onde as participantes enviaram imagens e depoimentos contando o que aprenderam com o feminismo. Os depoimentos foram veiculados nas redes sociais e incorporados aos materiais pedagógicos. Ela ocorreu no contexto em que foram realizadas várias campanhas colaborativas semelhantes na internet, a exemplo do *#Meu-PrimeiroAssédio*.

A campanha **Boto Banca e Exijo Respeito: Pelo Fim da Violência Contra as Mulheres** foi lançada em 2016 e teve um caráter mais comunicativo. O objetivo foi evidenciar as diversas práticas cotidianas de resistência das mulheres a todas as formas de violência e contribuir, a partir de uma perspectiva feminista e antirracista, para o enfrentamento à violência doméstica. Ela fez parte do ciclo de reflexões e debates que a Universidade Livre Feminista promoveu durante todo o ano de 2016 para fortalecer a resistência feminista diante do desmonte das políticas públicas para o enfrentamento à violência.

A campanha educativa **Feminismo Com Quem Tá Chegando** aconteceu entre setembro e dezembro de 2020 no perfil *@ulivrefeminista*, no Instagram, e possibilitou que esse espaço fosse explorado para debater temáticas feministas introdutórias com foco especial em mulheres jovens que estão nesta rede.

Este experimento pedagógico foi embasado no curso Feminismo Com Quem Tá Chegando, que teve seu conteúdo revisado e reorganizado, compondo cinco trilhas: (1) Diversas mas não dispersas, (2) Feminismo com quem tá chegando, (3) Rompendo com os silêncios, (4) Um pouco da história do feminismo no Brasil e (5) Feminismo Popular. Para cada uma das trilhas foram desenvolvidas peças gráficas e vídeos que apoiavam o debate sobre a leitura de textos selecionados, disponibilizados no site da Universidade Livre Feminista.

A campanha **Navegando Juntas pelos Desafios da internet** aconteceu em 2022, inspirada no curso de mesmo nome, realizado em 2021. O curso foi desenvolvido de forma totalmente on-line e volta-

do para militantes feministas e de movimentos populares, principalmente mulheres que tinham dificuldades com as tecnologias digitais. A campanha partiu dos resultados do curso e da constatação que nossa relação com a internet tem mudado de forma muito rápida nos últimos anos. Com a pandemia da Covid-19 e a necessidade de isolamento social, a presença da internet no nosso dia a dia ficou ainda mais intensa.

A proposta da campanha era fazer o conteúdo do curso chegar ao máximo de pessoas. Foi lançada no perfil da Universidade Livre Feminista no Instagram e contou com um grupo no WhatsApp para transmissão de conteúdos.

Em 2021, a Universidade resolveu investir em um **ciclo de webinários** como uma estratégia de diálogo para aprofundar reflexões em parceria com companheiras de outras iniciativas semelhantes que também têm atuado na internet nos últimos anos. A ideia foi, por meio de debates temáticos, aprender com as experiências umas das outras para pensarmos sobre os desafios de agora e os que estão por vir.

O ciclo de webinários **Umam Com as Outras: Trocando Ideias Sobre o Mundo Digital** foi realizado em 2020 em parceria com os coletivos MariaLab e Helen Keller, utilizando a plataforma BigBlueButton. Foram quatro webinários com duração de uma hora e meia, onde discutimos: Educação Feminista à Distância, Formação Feminista nas Redes Sociais, Cuidados Digitais e Acessibilidade na internet. Os encontros virtuais foram mediados por colaboradoras da Universidade Livre Feminista e cada um contou com duas convidadas.

A ideia desse ciclo surgiu a partir da nossa necessidade de pensar sobre o futuro da Universidade Livre Feminista. Desde o início de nossas ações, experimentamos vários formatos de atividades e muita coisa também mudou na internet, nas nossas formas de usá-la e nos espaços de debate político. As conversas estão disponíveis em vídeos completos de cada webinar no Youtube e em publicações físicas e digitais que sintetizaram os debates. Foi também um espaço para o fortalecimento da Rede de Educadoras, para pensar os desafios pedagógicos, e de intercâmbio com outras redes no campo da pedagogia feminista à distância. Nele refletimos sobre as diversas plataformas digitais e se fazia sentido a plataforma *moodle* da forma como estava sendo utilizada, sem atualizações. Nossa resposta foi não. E aí decidimos mudar de plataformas de interação para nossas ações educativas.

## Conexões em educação popular

O SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia realizou, em parceria com a Universidade Livre Feminista, um **intercâmbio sobre Educação Feminista a Distância (EaD) na América Latina**, em Olinda/PE. O espaço de trocas fez parte da programação do Encontro da Rede de Colaboradoras, realizado em Recife nos dias 13 e 14 de abril de 2019. O objetivo foi promover um momento de diálogo e reflexão sobre EaD, a partir das experiências de formação da Universidade Livre Feminista, da organização Cotidiano Mujer, do Uruguai, e do CISCOSA - Centro de Intercâmbio Y Servicios para el Cono Sur, da Argentina. Além das integrantes da Rede de Colaboradoras, o encontro contou com a participação de militantes da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco e do Fórum de Mulheres de Pernambuco. No intercâmbio, ficou

nítido que, embora haja outras experiências de formação feminista virtual na América Latina, ainda existe pouca reflexão aprofundada sobre esse tipo de pedagogia.

Em 2020, a Universidade Livre Feminista foi convidada pelo CEAP (Centro de Educação e Assessoramento Popular) a participar de um processo de **sistematização de práticas de formação em educação popular que aconteceram no Brasil no contexto da pandemia de Covid-19**. Ao todo, foram dez iniciativas participantes. Além da Universidade Livre, participaram Central Única dos Trabalhadores (CUT), Coletivo Intervenções, Pastoral da Juventude (PJ), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Confederação Nacional dos Trabalhadores/as na Agricultura (Contag), Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan), Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (Unisol), Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR) e Odara – Instituto da Mulher Negra.

Ao longo do processo participamos de espaços formativos, debates e reuniões executivas que culminaram em documentos de sistematização que contribuem para a reflexão sobre processos de educação popular realizados por meios virtuais e que apontam caminhos para o enfrentamento aos desafios postos e os que estão por vir.





## 5. Organização da Universidade Livre Feminista

A Universidade Livre Feminista nasceu no CFEMEA - Centro Feminista de Estudos e Assessoria, em Brasília. A ideia surgiu em 2009, a partir da percepção da necessidade de ampliar a formação feminista, com poucos recursos, em um país continental como o Brasil. Ela tinha desde o começo uma vocação aglutinadora e, rapidamente, juntou muita gente que se inscrevia e queria participar dos cursos. Logo se apresentou como algo com muitas possibilidades que a internet poderia oferecer para impulsionar o movimento feminista.

A primeira atividade de formação partia da experiência concreta do CFEMEA com os cursos para gestoras e militantes dos movimentos interessados na incidência junto ao Executivo Federal para a reivindicação de mais direitos e políticas públicas. Nesse momento, foi criada a Secretaria Executiva da Universidade, que tinha a responsabilidade de gerenciar os portais, inscrições, organização dos materiais do curso e comunicações diversas. Com papel mais operativo, a Secretaria contava com uma pessoa, que trabalhava a partir do escritório do CFEMEA, em Brasília.

Em poucos anos, o SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia e a Cunha - Coletivo Feminista, duas organizações feministas do Nordeste,

se agregaram trazendo sua experiência de educação popular feminista, presencial, fincada na construção do movimento feminista com as mulheres populares, urbanas e rurais. Ambas tinham como característica comum ações voltadas para o fortalecimento do movimento feminista. A internet, além de ser o espaço de ação conjunta, foi o que permitiu que as organizações trabalhassem juntas e alcançassem mais mulheres do país inteiro.

As mulheres que em cada organização se sentiram instigadas a fazer essa construção formaram a Coletiva Dinamizadora, que assumiu a responsabilidade por procurar os recursos para o projeto funcionar e dinamizar as contribuições que chegavam, de forma voluntária ou profissional. A Secretaria Executiva passou então a integrar a Coletiva e contar com duas pessoas, o que foi mantido até 2019, quando a escassez de recursos levou à redução para uma pessoa novamente nesta função.

Desde o início, a Coletiva Dinamizadora entendeu que a Universidade era uma porta convidativa para mulheres que, organizadas em movimentos ou não, queriam ajudar a realizar atividades formativas. Não foi simples manter essa vontade ao longo do tempo, sem recursos e estrutura física, mas ela levou à criação da Rede de Colaboradoras em 2013 e a manteve como um espaço de diálogo e reflexão pedagógica coletiva diverso e inspirador até este momento. A ideia inicial era atrair feministas que se disponibilizassem para contribuir com as ações educativas. A princípio, a Rede se organizou a partir da participação voluntária de pessoas próximas às integrantes da Coletiva. Com o tempo, ela aglutinou as mulheres que podiam contribuir profissionalmente, mesmo que em ações mais pontuais.

A Rede de Colaboradoras reúne educadoras populares, técnicas de ONGs, professoras universitárias, militantes de movimentos, comunicadoras, artistas (escritoras, poetas, pintoras, artistas plásticas, artistas de teatro, cantoras, designers, músicas...) e outras profissionais. O que une todas é a vontade de contribuir com o projeto da Universidade Livre, organizando e/ou facilitando cursos, produzindo cards, escrevendo textos (teóricos, políticos ou literários), elaborando materiais, desenvolvendo soluções tecnológicas para nossos desafios, e mobilizando pessoas.

Anualmente, desde 2013, a Rede se encontrou para sistematizar análises coletivas do contexto político e do movimento, e a partir delas organizava os objetivos da Universidade Livre Feminista e as ações a serem construídas no período. Os encontros, além de serem espaços de reflexão, troca de experiências e aprendizados, eram pautados pela alegria da presença entre pessoas que trabalhavam a maioria do tempo à distância. É também pela potência que vivenciamos nesses momentos, somada aos imensos aprendizados dos processos educativos, que estamos escrevendo sobre os 13 anos dessa experiência.

Nos últimos anos, as dificuldades de sustentação política e financeira das organizações feministas vêm se acentuando e impondo limites para sua atuação, com reflexos para a dinâmica das organizações da Coletiva. Em 2021, a Cunhã decidiu, como escolha estratégica para focar em seu fortalecimento organizacional, por se desvincular da Coletiva Dinamizadora e contribuir com a Universidade Livre a partir da Rede de Colaboradoras. Em fins de 2022, o SOS Corpo se retira da experiência.





## 6. Pensando os caminhos trilhados

Os debates nos encontros da Rede de Colaboradoras e da Coletiva Dinamizadora da Universidade Livre Feminista nos possibilitaram aprofundar a reflexão que nos desafiou o tempo inteiro na construção das ações educativas: como garantir os princípios fundantes da educação popular feminista na experiência de educação a distância? Essa questão nos motivou a sistematizar estes 13 anos de trabalho. Não que já tenhamos respostas, mas esta experiência nos ajudou a construir outras perguntas que seguiremos perseguindo no futuro.

### **Mulheres populares e desigualdades no acesso à internet**

Sempre foi uma preocupação central na Universidade refletir sobre os limites da educação a distância. Eles são de várias ordens. Na nossa experiência, a EaD era realizada através da internet, cujo acesso não é possível para todo mundo. As mulheres de classes populares, das periferias das grandes cidades e dos pequenos municípios e zonas rurais enfrentam grandes limites de conexão e mesmo de equipamentos adequados para participação. Outra questão é o baixo letramento

digital, ou seja, a ausência de oportunidades para aprender o manejo da rede, e ainda as limitações de leitura e escrita geradas pela baixa escolarização, vivências comuns entre as mulheres militantes de movimentos populares. Esses elementos foram objeto de reflexão na pesquisa que fizemos.

Esta situação de acessibilidade das mulheres feministas de classes populares foi percebida quando a Universidade Livre engajou em seus cursos militantes organizadas em coletivos, grupos de movimentos de mulheres e/ou movimentos sociais em geral. Posteriormente ela foi confirmada pela pesquisa, o que nos deu oportunidade de refletir sobre suas causas e também sobre os mecanismos cotidianos que reduzem as possibilidades de participação política e, dentro disso, da formação feminista a distância.

Vivemos em um mundo quase totalmente conectado, no qual a grande maioria das pessoas usa a tecnologia. Os aparelhos que acessam a internet são quase como uma extensão do corpo, e ainda assim seguem sendo graves os problemas de acesso a este mundo para quem tem baixa escolaridade, baixa renda, mora em regiões periféricas, tem alguma deficiência ou simplesmente não pode pagar para usufruir. Neste contexto, nos parece muito relevante que a Universidade Livre tenha atuado com mulheres militantes de movimentos populares e, muito especialmente, que tenha focado esta problemática em webinários, cursos e campanhas educativas. A experiência demonstrou que, embora difícil, é possível ampliar as possibilidades de atuação no mundo virtual ou através dele para militantes populares.

15 HARAWAY, Donna et al.  
*Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

## **Corporeidade, construção de si e acessibilidade**

Um dos maiores desafios da experiência da Universidade Livre Feminista foi tentar transpor para o ambiente virtual as dimensões de autorreflexão e de corporeidade tão caras à educação popular feminista que se realiza em espaços e momentos presenciais.

“Nosso corpo nos pertence” é um dos lemas do feminismo desde os anos 1970 e expressa questões sobre as relações de poder entre homens e mulheres nos espaços públicos e privados. Além de um grito, é uma afirmação que questiona todas as formas que o patriarcado desenvolveu para controlar ou disciplinar os nossos corpos: a medicalização, a violência, a mercantilização, a criminalização do aborto, o capacitismo, entre outras. Assim, quando falamos de corpo, no feminismo, estamos falando da maneira como as disputas de poder e dominação se inscrevem objetiva e cotidianamente na nossa experiência como mulheres.

Com a internet e as diversas tecnologias que surgiram nas últimas décadas, é preciso entender que o corpo vive e interage com objetos diversos. Quando Donna Haraway<sup>15</sup> escreveu sobre *cyborgs*, nos anos 1980, nos provocou a pensar sobre a relação com as máquinas e o impacto disso nas questões de gênero e, ao fazer isso, tirou o debate do campo da ficção científica e trouxe para o campo da reflexão feminista. Ao desenvolvermos cursos e atividades na internet, fomos provocadas a pensar o corpo o tempo todo na interação com as máquinas.

No se que refere aos limites dessa interação, o ponto principal é o que já descrevemos quando falamos da pedagogia feminista. Diferentemente do que acontece em encontros presenciais, a interação em cursos virtuais é feita de forma mediada pelas máquinas. Assim, computadores, celulares, fones de ouvido, aparelhos de conexão são todos objetos que interferem nas dinâmicas de um corpo nos momentos de formação.

Sentimos que a pandemia foi um marco de mudança na percepção dessa relação com as máquinas. O confinamento necessário para limitar o avanço da Covid-19 ampliou o leque de tecnologias conhecidas para realizar ações cotidianas. Ela propagou também possibilidades de conciliar práticas físicas com o uso das tecnologias.

A movimentação do corpo nos encontros virtuais fica reduzida, pois, em geral, acessamos as plataformas sentadas ou em pé. Em compensação, sobrecarregamos os sentidos da visão e da audição. Nos casos de mulheres que trabalham usando computadores, uma formação pode gerar uma grande sobrecarga física com o passar do tempo. Com o tempo, incorporamos aos encontros simultâneos (virtuais) dos cursos práticas de autocuidado, como forma de chamar a atenção para esse problema e lembrar da necessidade de praticar exercícios para postura, respiração e relaxamento. Oferecemos uma possibilidade de vivência e reflexão sobre cuidado, mas sabendo que a ambiência onde cada participante se encontra pode favorecer ou atrapalhar este momento. Estando em casa, envolvida nos afazeres domésticos, estes espaços podem servir para tomar um tempo para si, ou podem ser impedidos pela demanda de tempo que a família opera quando a mulher parece estar disponível.

**16** Ferramenta de acessibilidade que transforma imagens em textos e contempla não só pessoas com deficiência visual como também com deficiência intelectual, pessoas idosas, com dislexia e daltônicas. Dentro das ações que contemplam a questão da acessibilidade, realizamos o curso *Audiodescrição para ação feminista na internet*, em 2021. A proposta foi construída pensando na ampliação de uma cultura de enfrentamento ao capacitismo e de ampliação de uma perspectiva inclusiva junto a coletivos, organizações e movimentos de mulheres.

Ao mesmo tempo, mulheres com dificuldades diversas de locomoção ou com comprometimento de algum desses sentidos podem encontrar nas máquinas grandes aliadas. Além de permitir a conexão a partir de ambientes acessíveis, elas podem contar com o apoio de leitores de texto, recursos de ampliação das imagens, e muitos outros. As ferramentas de acessibilidade favorecem o contato mesmo para quem não tem deficiência, pois podemos nos reconhecer melhor nas outras quando se descrevem ao vivo e trazem elementos de sua identidade política que não percebemos em um primeiro olhar. A audiodescrição<sup>16</sup> traz para a cena pedagógica a dimensão corpórea de si e da outra.

Avançamos nos caminhos da acessibilidade graças à parceria com o Coletivo Hellen Keller, formado por ativistas com deficiência com grande capacidade e reflexão política sobre o problema. Com elas incorporamos a linguagem de libras, as legendas, a audiodescrição, entre outras ferramentas. Também fizemos cursos de formação na Universidade sobre isso e impulsionamos a reflexão teórico-política na Rede de Colaboradoras sobre uma perspectiva feminista a respeito das pessoas com deficiência.

Esta parceria foi fundamental porque, se a demanda pessoal de acesso de uma mulher com deficiência não é atendida, isso se torna um impedimento para a sua participação. Com as experiências desenvolvidas, passamos de uma percepção dos problemas individuais para uma compreensão geral da participação das pessoas com deficiência. Isso nos remeteu para um trabalho pedagógico com mulheres com deficiência para além da acessibilidade, aprofundamos a reflexão numa tentativa de articular a luta anticapacitista com a construção teórico-política em torno dela.

A sociabilidade entre mulheres, na qual nos reconhecemos umas nas outras e construímos um sentido de nós como um sujeito político, é um elemento estruturador das ações pedagógicas presenciais. No espaço virtual a sociabilidade é mediada pela máquina, pela capacidade técnica de conexão e pela capacidade humana de manuseio, tudo isso exige uma ressignificação de tempo, espaço e velocidade. Há a possibilidade de fazer ou ter que fazer muitas coisas, estar no espaço de sua casa e, ao mesmo tempo, no espaço educativo com outras mulheres. Ou mesmo ter medo, ansiedade ou outros sentimentos ruins ao precisar utilizar o aparelho e expor suas condições de uso. Pode-se ainda perder a capacidade de expressão por conta da velocidade diferenciada (*delay*), perder a concentração por conta de falhas no equipamento ou por demandas domésticas, entre outras coisas.

Na educação a distância a mediação da educadora para promover a sociabilidade feminista é muito reduzida, é muito maior o tempo/espaço de vivência sem a mediação educativa. E são muitas interações, podemos facilmente migrar do espaço do chat para o espaço do WhatsApp. Isso gera uma baixa possibilidade da educadora realizar uma leitura acertada da dinâmica grupal que ocorre na cena pedagógica e com isso reduzir sua capacidade de intervenção assertiva.

No tempo em que usávamos a plataforma *moodle*, a interação entre as participantes era mais limitada porque, além de ser por escrito, em tempos diferentes, ainda havia limites no direcionamento das mensagens, muitas vezes se voltava para a educadora que estava conduzindo o espaço. Nas plataformas síncronas que usamos hoje há uma maior aproximação entre todas, a visualização e a interação

no mesmo momento permitem um intercâmbio de ideias, olhares, expressões que fortalece a sociabilidade e facilita a construção coletiva. Obviamente ainda está aquém da interação presencial, com potência física e energética, que ocupa o mesmo espaço e permite contato através de todos os sentidos.

## **Diversas linguagens na pedagogia feminista**

Na experiência pedagógica dos movimentos feministas que bebem da educação popular o uso de diferentes linguagens é bastante comum. A metodologia adotada usa diferentes expressões artísticas, trabalhos corporais, materiais expressivos e técnicas pedagógicas capazes de potencializar a dinâmica grupal, a interação entre as participantes e delas com os conhecimentos socializados, gerando a possibilidade de construção coletiva. No ambiente virtual enfrentamos o desafio de manter esta perspectiva.

Quando usávamos a plataforma *moodle*, sem que investíssemos o suficiente na sua atualização, as nossas ações educativas ficaram muito restritas, naquilo que oferecíamos, a textos, vídeos e imagens, e a participação era muito limitada ao texto escrito, embora algumas conseguissem postar também imagens e áudios. Com as mudanças na internet ao longo destes 13 anos, e o advento da dinâmica de redes sociais, a cena pedagógica foi se tornando mais exigente. Introduzimos músicas, poesias, imagens mais constantes, entre outros elementos. Mas o problema da produção textual só aumentou e complexificou o entendimento que tínhamos de evasão. Muitas participantes não

abandonavam os cursos, não saíam da plataforma. Acompanhavam, mas não interagiam com os conteúdos, não escreviam suas reflexões.

No curso Navegando Juntas, que foi posteriormente recodificado como campanha educativa, foi possível implementarmos, além de diversas linguagens, o uso de diferentes plataformas. A mesma atividade ocorreu em salas de plataformas de interação (Google Meet e Zoom), grupos de aplicativos mensageiros (WhatsApp) com acompanhamento pedagógico, e em nosso canal no YouTube.

A mudança para as plataformas de interação potencializou o uso de distintas linguagens expressivas e nos desafiou a pensar sobre a necessidade de produção permanente de materiais pedagógicos específicos para o ambiente virtual, o que não conseguimos resolver a contento. Isso porque, diferentemente de outras plataformas de formação feminista, o nosso modo de fazer não é restrito a palestras de difusão de conhecimento, ele exige interação e elaboração permanente.

## **Dimensão político-organizativa da formação**

Além das transformações na internet que vivemos ao longo dos anos, vimos também as diferentes experiências de formação política feminista surgirem. Entendemos porque nos propomos a elaborar uma pedagogia popular, e não apenas feminista, em conexão direta com os coletivos e movimentos e não apenas com as universidades. E colocando o feminismo antissistêmico não só como base dos temas e

conteúdos a serem debatidos, mas na reflexão de todas as metodologias que criamos.

Essas escolhas são baseadas em uma ideia de que a formação importa, mas ela não suplanta a dimensão organizativa. É preciso abrir os caminhos para que as experiências individuais das nossas vidas como mulheres encontrem espaços coletivos para se expressarem e colaborar com a transformação do mundo.

A formação interage diretamente com as estratégias coletivas dos movimentos e coletivos. Ela é parte de um processo que necessariamente é mais amplo. Uma preocupação que tivemos em atividades de formação que interagem diretamente com a conjuntura política, como o curso Política Feminista para a Transformação Social, era de convidar as mulheres a se reconhecerem como parte de um movimento com uma história de lutas, e que é muito diverso. Neste sentido, o esforço de construir uma linha do tempo do feminismo brasileiro que permeia estes 13 anos da Universidade Livre foi muito relevante, embora o produto ainda seja visto por nós como muito precário.

Muitas ações pedagógicas que acompanhamos privilegiam aspectos da teoria e da história do feminismo e perdem de vista a necessária conexão deles com as nossas vidas, com as nossas experiências territoriais e políticas. Contam uma história que parece se resumir às ondas de movimentações da Europa e adaptadas no Brasil, geralmente resumidas ao Sudeste. Ignoram que as lutas das mulheres são mais amplas do que o que entendemos como feminismo, e, conseqüentemente, ignoram as resistências das mulheres negras e indígenas ao colonialismo, com ecos

até hoje. Em resumo, observamos que muitos cursos perpetuam uma colonialidade do poder e do saber em detrimento do que nós somos e de nossa história local organizada em movimentos e coletividades.

O movimento feminista brasileiro é um dos mais importantes do mundo, um dos que mais avançaram na luta por direitos e em políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres. E isso se deu pela nossa capacidade de criar frentes, coalizões e estratégias comuns. Somos diversas e, nos espaços de participação, as discussões em torno disso não são novas. Por isso, precisamos pensar uma formação feminista que contribua para aprofundar os nossos debates e avançar nas políticas que queremos. E não que nos coloquem diante de um espelho distorcido por teorias sem conexão com a realidade.

Entender isso, para nós, foi importante para nos apropriarmos das teorias de outras formas. Começamos, na época do curso Feminismo com quem tá chegando, muito disciplinadas pela ideia de que era preciso apresentar as diferentes correntes teóricas e abordar as principais diferenças entre elas para quem queria conhecer o feminismo. O primeiro desafio foi encontrar um material que não estivesse baseado nas teorias norte-americanas ou europeias. Depois, que interagisse com os processos de luta aqui em nosso país. E, por fim, que fosse honesto com a diversidade e os desafios que ela nos coloca para a ação política.

Encontramos poucas coisas nesse sentido em textos. Foi muito mais interessante ouvir as mulheres. Ouvir a nós mesmas, nossa relação com as teorias que estudamos, das pesquisadoras que conhecemos, e o que as mulheres traziam para o curso. O pensamento pensante

17 Para mais informações sobre a AMB, acessar: <https://ambfeminista.org.br>

trouxe ferramentas teóricas e analíticas muito mais interessantes para o que estávamos propondo.

Ao perceber isso, entendemos que era possível partir da experiência das mulheres entendendo que não se trata somente de um relato pessoal. Mas que as experiências contêm inquietações e questões que se conectam com as leituras contínuas que fazemos das teorias. E que as “mais sabidas” nesse campo podem ajudar a trazer essas inquietações sempre que contribuírem com o debate. As referências vão sendo compartilhadas, para quem quiser ler e aprofundar aquele tópico.

Nossa pedagogia deu um salto qualitativo quando direcionamos as atividades de formação para coletivos e movimentos. Assim, encontramos um terreno fértil para as questões sobre como a formação nos ajuda a sustentar as nossas lutas, não do ponto de vista financeiro, mas pensando juntas os desafios e as estratégias de cada tema e momento.

No entanto, uma tensão permaneceu. Não somos parte de um movimento ou de um coletivo específico e, ao propor a formação, podíamos entrar em conflito com as propostas destes. A política é um campo de conflito e não acreditamos na neutralidade. Somos sujeitas posicionadas, temos perspectivas, estratégias, que nem sempre são as mesmas das outras coletividades. Para nós, essa é uma questão importante da proposta da Universidade Livre Feminista e que não pode ser ignorada.

A criação de uma Coletiva Dinamizadora com organizações muito próximas à Articulação de Mulheres Brasileiras - AMB<sup>17</sup> fez com muitas vezes estivéssemos alinhadas a esse movimento, como no curso Política

Feminista e Transformação Social, que garantia vagas destinadas aos agrupamentos locais da AMB. No entanto, a Rede de Colaboradoras não era parte do movimento e a maioria das atividades não estabeleceu esse engajamento na AMB como critério.

Por outro lado, esta pluralidade também nos deu a oportunidade de construir espaços de diálogo únicos. As diferentes perspectivas de organização política, quando entravam em contato, criavam um ambiente rico de aprendizado coletivo. Mas isso só era possível se, metodologicamente, conseguíssemos estabelecer um espaço de confiança e partilha. Caso contrário, abriríamos a arena para as disputas.

O trabalho com a Rede de Colaboradoras foi fundamental para que a gente fosse encontrando maneiras de fazer isso. Chegamos à conclusão de que o papel das educadoras é fundamental no processo. Como dissemos na parte dedicada a esse tópico, é muito importante que elas estejam imbuídas das complexidades que envolvem os debates, entendam os conflitos e tenham ferramentas para propor os diálogos possíveis. Caso contrário, a formação não avança.







## 7. Mirar futuros feministas

18 No já citado livro *Esperança Feminista* (2022).

Em abril de 2022 fizemos um encontro muito criativo da Rede de Colaboradoras da Universidade Livre Feminista. Estávamos em Recife, éramos cerca de 20 mulheres, e um dos principais tópicos de debate era a nossa experiência de pedagogia feminista na internet. E terminamos falando de futuros feministas. O que poderíamos fazer para criá-los?

Talvez imaginar essa cena pareça contraditório para quem estiver refletindo conosco sobre o encerramento de um ciclo e o fim de uma determinada experiência. Contudo, contamos isso com a tranquilidade de quem sonha, se compromete com a realidade e nem por isso a encara como destino. Como lembra Débora Diniz<sup>18</sup>, o feminismo vem lutando muito para desimaginar o mundo patriarcal e imaginar outro. Qual? Ainda não sabemos. Sabemos que qualquer futuro sustentável precisa ser feminista e coletivo.

Por que decidimos encerrar este ciclo da Universidade Livre Feminista? Porque há questões recorrentes que nos desafiam. Como, por exemplo, a dificuldade de manter a colaboração e a autogestão em condições limitadas de financiamento, sem o apoio de longo prazo,

que nos permitisse a criação de uma grade de formação mais ampla e continuada, com remuneração digna para a Secretaria Executiva e as profissionais envolvidas.

Além disso, em um mundo dominado pelas grandes corporações da internet, qualquer investimento tecnológico parece pequeno. A atualização das plataformas tornou difícil a competição com tecnologias livres e praticamente condicionou as pessoas ao que é oferecido pelo mercado.

Por fim, entendemos que as experiências pedagógicas seguirão conosco em tudo aquilo que criamos como pedagogia. Milhares de mulheres foram formadas na Universidade Livre Feminista ao longo desses anos e se afetaram, construíram junto, essa forma de pedagogia. Estão com a gente nas lutas cotidianas pela transformação do mundo.

É por isso que falamos em trilhas abertas. Há muito o que trilhar para a destituição do patriarcado e esperamos que esta sistematização seja uma ferramenta que fomente a criatividade e a imaginação de vocês nesse sentido. São trilhas abertas para um mundo mais justo e igual para todas as mulheres.

Começamos este texto em meio a uma difícil batalha contra a extrema-direita, representada no Governo de Jair Bolsonaro. Encerramos a publicação enquanto Luiz Inácio Lula da Silva passa a assumir a presidência do país, com diversos compromissos em torno de pautas caras a nós. Vivemos essa conjuntura como o movimento constante de reflexão e aprendizado. E esperamos ter tempo para aprender juntas com o que contamos aqui.

Que as trilhas abertas nessa sistematização não encerrem a jornada e, sim, sejam convites a novas caminhadas. Que os passos que demos sejam inspiração para todas as que dividem conosco os desafios de construir pedagogias feministas antissistêmicas e transformadoras do mundo.

Nossa imaginação tem uma força poderosa e comprovamos isso ao longo desses 13 anos de Universidade Livre Feminista. Que ela nos ajude a inventar mundos melhores para as mulheres, para o meio ambiente e para todo o universo. Para transformar a nós mesmas, o feminismo e o mundo.



## 8. Memória

**Ação****Internet****Conjuntura  
Política****2010**

Curso Trilhas Feministas  
na Gestão Pública

**2012 – 2013**

Curso Reflexões  
feministas sobre o  
sistema político

Uso da internet numa  
perspectiva contra-  
-hegemônica pelos  
movimentos sociais  
e em protestos globais

Debate sobre  
*softwares* livres, pauta  
da democratização  
da comunicação

Final do Governo Lula

Primeiro Governo Dilma

Quadro agravado  
de impasses  
políticos por causa  
do escândalo  
do mensalão,  
com ameaças  
de retrocesso  
nas pautas sociais

Escassez de recursos nas ONGs para formação política e promoção de diálogos nos movimentos sociais

Reinvenção do ativismo feminista, especialmente por feministas jovens (Marcha das Vadias, debates on-line em blogs e redes sociais).

Uso da internet com foco no trabalho

Blogs são espaços de divulgação de ideias

As listas de e-mails permitem diálogos e trocas de grupos feministas e antirracistas

Declínio do Orkut

Surgimento do Facebook

Surgimento do Twitter

## Ação

### 2013 – 2014

Residências  
Libertárias  
Artistas –  
REAL feminista

### 2014

Diálogos Feministas sobre  
Ativismo e Autocuidado (virtual)  
Diálogos Arte, Política  
e Feminismo (virtual)

Curso Feminismo com  
quem tá chegando

## Internet

Internet, Redes Sociais  
e TICs conquistam  
lugar importante  
na organização e  
mobilização política  
(como nas Jornadas  
de Junho de 2013 e na  
Primavera Feminista)

Debate sobre violência  
contra mulheres na internet  
com uso de hashtags como  
*#meuprimeiroassedio* e  
*#meuamigosecreto*

Ampliação de uso de  
Smartphones e aplicativos  
mensageiros, como Whatsapp

## Conjuntura Política

Jornadas de Junho  
  
Criminalização dos  
movimentos sociais  
(a partir da Lei  
Antiterrorismo)

Desafio de diálogo entre a  
sociedade e os movimentos  
sociais, baseado em novos  
formatos de engajamento  
e incidência política

Formação de coletivos, especialmente de juventude, tanto defendendo pautas da direita quanto da esquerda

Pluralidade de pautas, de apostas estéticas e estratégias de engajamento e comunicação política

Ascensão do Feminismo nas ruas e nas mobilizações na internet (Primavera Feminista e inúmeras ações em redes sociais)

Processo da Marcha das Mulheres Negras

Crise política e econômica

Golpe Parlamentar e *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff

Debate sobre Marco civil da Internet no Brasil

Declínio dos blogs

Declínio das plataformas de fóruns de debate (como o *Moodle*)

Ascensão do Facebook: uso das ferramentas do Facebook, como os grupos para encontro e debate e os eventos para mobilização de protestos e campanhas

Inserção do Instagram no Brasil

Consolidação do YouTube no Brasil: surgimento de Youtubers famosos

## 2015

Curso Feminismo com quem tá chegando

## 2016

Diálogos Feminismo negro e feminismo antirracista

Curso Trilhas Feministas na Gestão Pública

Campanha Boto banca e exijo respeito! Pelo fim da violência contra as mulheres

Diálogos: Conjuntura Política Anti-direitos

Curso Feminismo e Cotidiano

Diálogos Feministas: Formas, práticas e estratégias de enfrentamento à Violência Contra as Mulheres

**Ação****2017**

Curso Reforma da Previdência: um golpe nos direitos das mulheres

Guia Prática de Estratégias e Táticas para a Segurança Digital Feminista

**2018**

Curso Feminismo com quem tá chegando

Diálogos Virtuais sobre o Autocuidado e Cuidado entre Ativistas

**Internet**

Dificuldade de manter debates em formato de texto nos fóruns e listas de e-mail

Ascensão das plataformas proprietárias

Formação de grupos nas plataformas mensageiras

Consolidação do Instagram no Brasil

Inserção do TikTok no Brasil

**Conjuntura Política**

Governo Temer

Eleição de Bolsonaro

Reforma Trabalhista

Aumento do conservadorismo e autoritarismo

Assassinato de Marielle Franco

Ascensão da extrema direita

Eleição de 2018 marcada pela polarização

Ataques aos direitos humanos e às feministas

Reforma da Previdência

Marcha das Margaridas e Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília

ADPF pela descriminalização das mulheres em caso de aborto em até 12 semanas de gestação

Festival pela Vida das Mulheres

Militarização do governo

Ataque à laicidade do Estado

Afrouxamento das políticas de proteção social e ambiental

Teto de gastos congela investimentos em áreas prioritárias como educação e saúde

Consolidação do formato "meme" para mensagens na internet

Bots disparadores de mensagens

Disseminação de Fake News

Informação mediada pelas redes sociais

Aumento do debate feminista nas redes, especialmente através de "influencers"

Pesquisa-diagnóstico sobre acesso de mulheres de classes populares à internet: Parintins/AM, Ceará e região metropolitana do Recife

## 2018 – 2019

Curso Feminismo com quem tá chegando

## 2019

Fórum aberto de Debate sobre os Impactos da a Reforma da Previdência na vida das Mulheres

Intercâmbio sobre Educação Feminista à Distância na América Latina

Curso Política Feminista e Transformação Social

## Ação

### 2020

Jornada Feminista  
Antirracista Patrícia Galvão

Lançamento publicação  
Nas rodas e nas redes

Webinários Um(a)s  
com as outras

Mulheres fazem *advocacy*  
seguro nas redes

Campanha Educativa Feminismo  
com quem tá chegando

Lançamento da publicação  
pesquisa Nas Rodas e nas Redes -  
versões em Português, Inglês  
e Espanhol

## Internet

Contexto de pandemia  
da Covid-19

Virtualização da vida  
e aceleração do tempo

Consolidação  
das plataformas  
de videoconferência

Hegemonia do capitalismo  
de plataformas

Intensificação da precarização  
e virtualização do trabalho

Acirramento das  
desigualdades, especialmente  
no acesso à internet e às TIC

Cultura do cancelamento

## Conjuntura Política

Crise econômica  
e sanitária

Negacionismo do Governo  
Federal em relação à  
pandemia da Covid-19

Empobrecimento  
da população

Ataques à imprensa

Consolidação do Bolsonarismo

Ações sistemáticas  
de desinformação

Privatizações

CPI da Covid-19

Aumento da devastação da Floresta Amazônica

Perseguição aos movimentos sociais e suas lideranças

Instabilidade política causada pela disputa entre poderes

II Marcha das Mulheres Indígenas

Aumento da violência política contra mulheres, pessoas negras, indígenas e LGBTQIA+

Orçamento Secreto bilionário murcha orçamento para Políticas Públicas

Ataques à democracia

Coalizões entre movimentos sociais para enfrentar o Bolsonarismo

Eleições 2022: violência política, frente ampla contra Bolsonaro consolidada na candidatura de Luis Inácio Lula da Silva, que vence o pleito

Individualismo exacerbado nas redes sociais

Aumento expressivo de cursos e formações realizados em formato virtual

Mobilização política potencializada pela internet

Saturação das relações mediadas por plataformas digitais

Crescimento do conservadorismo e do antifeminismo na internet

Crescimento da perseguição e violência contra mulheres, pessoas negras, indígenas e LGBTQIA+ na internet

Proliferação de conteúdos de baixa complexidade promovidos nas redes sociais

Analfabetismo digital se soma à dificuldade de escrita, leitura e interpretação

## 2021

Curso Audiodescrição para ação feminista na internet

Prosa Feminista: pesquisas de mulheres para mudar o mundo

Curso Navegando Juntas pelos Desafios da Internet

## 2022

Campanha Navegando Juntas

Mais Mulheres no Poder - formação com candidatas do PSOL

Rodas de diálogos com mulheres cegas e com baixa visão: Lutas das mulheres, anticapacitismo e eleições 2022

Webinários Um(a)s com as outras - Feminismos e Eleições

Lançamento do site da Universidade Livre Feminista, com memória dos 13 anos de experiência em pedagogia feminista e popular.



## 9. Ações realizadas



### Diálogos Virtuais

A metodologia dos *Diálogos Virtuais* é um desdobramento dos *Diálogos Feministas*, iniciados pela Articulación Feminista Marcosur (AFM) e vem sendo aprimorada pela Universidade Livre Feminista há alguns anos para o ambiente virtual. Eles consistem em rodadas de reflexão e debate, em torno de um determinado tema ou conjunto de questões que desafiam o feminismo. Por cerca de quarenta e cinco dias um grupo de trinta a cinquenta mulheres se encontra virtualmente na Plataforma de Educação à Distância Feminista. Para estimular o diálogo e a troca de ideias entre as participantes, uma ou duas pessoas são convidadas a apontar inquietações, fazer provocações, agitar determinados assuntos ou questões para estimular a conversa entre as participantes. Ao final, faz-se uma síntese das principais questões refletidas e debatidas pelo grupo e pode-se apresentar novas que emergiram para serem encaradas noutro momento.

---

### Diálogos ativistas sobre autocuidado

**Ano:** 2011, 2016 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Anticapitalismo, Autocuidado e Cuidado Coletivo

**Participantes:** Mulheres organizadas em coletivos

**Parcerias:** Articulação de Mulheres Brasileiras, CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria

**Tipos de Atividades:** fóruns de debate mediados  
(lista de e-mails e *moodle*)



## Diálogos arte, política e feminismo

**Ano:** 2014 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Anticapitalismo, Antirracismo, Ativismo Feminista

**Participantes:** Mulheres artistas feministas, organizadas em coletivos ou não

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria

**Tipos de Atividades:** fóruns de debate mediados (*moodle*)

---



## Diálogos feministas: formas, práticas e estratégias de enfrentamento à violência contra as mulheres

**Ano:** 2016 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Antirracismo, Feminismo e auto-organização das mulheres, Gênero, Raça e Classe, Políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres, Violência contra as mulheres

**Participantes:** amplo acesso, participação individual de mulheres interessadas no debate feminista, gestoras ou integrantes de organismos de políticas para as mulheres

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, Cunhã – Coletivo Feminista, SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia

**Tipos de Atividades:** fóruns de debate mediados (*moodle*)

---



## Diálogos feminismo negro e feminismo antirracista

**Ano:** 2016 | **Modalidade:** Virtual

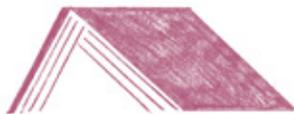
**Temas:** Antirracismo, Feminismo e auto-organização das mulheres, Gênero, Raça e Classe

**Participantes:** Mulheres organizadas em coletivos

**Parcerias:** Fórum Cearense de Mulheres, Coletiva de Luta Antirracista da Articulação de Mulheres Brasileiras – AMB, CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviços

**Tipos de Atividades:** Fóruns de debate mediados (lista de e-mails)





## Cursos

Os cursos são espaços de encontro entre o pensamento pensado, o conhecimento já sistematizado, e o pensamento pensante, o conhecimento vivo, que é identificado na vivência de cada uma. Os conteúdos pragmáticos são debatidos com base em textos, vídeos, músicas, imagens e poesias, e se apoiam em metodologias dialógicas e participativas. Nossas ações buscam cultivar o afeto no mundo virtual, criando um ambiente onde as participantes se sintam acolhidas e possam superar os obstáculos tecnológicos e de aprendizado.

---

### Reflexões feministas sobre o sistema político



**Ano:** 2013 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Antirracismo, Democracia, Gênero, Raça e Classe, Gestão Pública, Sistema Político

**Participantes:** Mulheres organizadas em coletivos, partidos políticos, estudantes, professoras

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, Coletivo Leila Diniz, Cunhã – Coletivo Feminista da Paraíba, SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia

**Tipos de Atividades:** Fóruns de debate mediados (*moodle*)

O curso **Reflexões Feministas sobre o Sistema Político** foi realizado em duas edições pela Universidade Livre Feminista, de abril a junho e de julho a setembro de 2013 e contou com cerca de 60 inscritas das cinco regiões brasileiras nas duas edições.

## Objetivos

- Impulsionar o debate teórico-político no feminismo sobre a participação política das mulheres e a construção da democracia no Brasil
- Refletir criticamente sobre o sistema político brasileiro
- Animar a participação de feministas em processos eleitorais

## Metodologia

O formato virtual teve maior relevância frente às dimensões continentais do Brasil e à necessidade de mais e mais participantes dos movimentos de mulheres serem envolvidas no debate feminista sobre a política, num contexto de crescimento do fundamentalismo religioso, do conservadorismo e das políticas neodesenvolvimentistas e de inclusão pelo consumo. Na época o contexto já exigia aprofundamento do debate em todos os movimentos sociais para aumentar a capacidade de resistência e para elaboração de alternativas capazes de nos mobilizar para a luta. O curso contou com três módulos:

- Módulo 1: Participação política das mulheres e Agenda Feminista
- Módulo 2: Crítica Feminista ao Sistema Político brasileiro
- Módulo 3: Mulheres, Feminismo e Campanhas Eleitorais

---

## Residências libertárias artistas

**Ano:** 2013, 2014 | **Modalidade:** Presencial

**Temas:** Anticapitalismo, Antirracismo, Artivismo Feminista

**Participantes:** Mulheres artistas de diversas regiões do país inseridas ou não em coletivos

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, Fórum Cearense de Mulheres

**Tipos de Atividades:** Imersão artística

Realizamos duas **Residências Libertárias Artistas**, em 2013 e 2014, em Brasília e no Ceará, respectivamente. Foram dois encontros que reuniram mulheres artistas e feministas, para a reflexão coletiva, a troca de experiências, o intercâmbio de conhecimento, a construção e realização de ações contraculturais feministas, antirracista e anticapitalista.



## Objetivos

- Promover debate e reflexão coletiva sobre ativismo no movimento feminista;
- Dialogar sobre as tensões e potencialidades entre o ativismo e as experiências na pedagogia feminista;
- Promover oficinas e experimentações estéticas entre as participantes.

## Metodologia

Em um regime de imersão, foram propostas oficinas e diálogos mediados sobre temáticas relativas ao ativismo e à pedagogia feminista relacionada às ações artísticas. As residências tiveram como resultado várias produções artísticas coletivas como clipe, ensaio fotográfico, música, performance e outras.

---

## Trilhas feministas na gestão pública

**Ano:** 2016 | **Modalidade:** Virtual



**Temas:** Orçamento público e gestão de recursos, Políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres., Políticas para as Mulheres

**Participantes:** Amplo acesso, participação individual de mulheres interessadas no debate feminista, gestoras ou integrantes de organismos de políticas para as mulheres

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, Cunhã – Coletivo Feminista da Paraíba, SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia

**Tipos de Atividades:** Fóruns de debate mediados (*moodle*)

O curso **Trilhas Feministas na Gestão Pública** buscou debater a gestão pública a partir de um viés feminista junto a conselheiras, gestoras, servidoras públicas e militantes do movimento feminista e de mulheres de todo o Brasil. Foi inspirado em um curso anterior, com o mesmo nome, que o CFEMEA havia realizado, com duração de quatro meses e 220 participantes.

## Objetivo

O curso teve como objetivos apoiar a reflexão individual e coletiva e ser um instrumento para aprender e produzir novos conhecimentos sobre a gestão pública, bem como construir processos de resistência ao desmonte das políticas sociais, essenciais para a garantia de direitos.

## Metodologia

A primeira versão do curso **Trilhas Feministas na Gestão** foi colocada à disposição de participantes em 2012. Após a conclusão de sua primeira turma, o curso ficou disponível para ser realizado livremente, sem acompanhamento direto de educadoras. O curso é formado por 5 trilhas:

- Trilha 1 – A Política e as mulheres
- Trilha 2 – Trajetórias de lutas das mulheres por direitos e por políticas públicas
- Trilha 3 – Estratégias para atuar nos espaços de poder
- Trilha 4 – Planos de Políticas para as Mulheres
- Trilha 5 – Orçamento público e gestão de recursos

---

## Feminismo e cotidiano



**Ano:** 2016 | **Modalidade:** Semipresencial

**Temas:** Anticapitalismo, Antirracismo, Direitos Sexuais e Reprodutivos, Feminismo e auto-organização das mulheres, Gênero, Raça e Classe, História do movimento feminista, Violência contra as mulheres

**Participantes:** Adolescentes de ensino médio interessadas no feminismo

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, Cunhã – Coletivo Feminista, SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia

**Tipos de Atividades:** Fóruns de debate mediados (*moodle*) e encontros presenciais

O **Feminismo e Cotidiano** foi uma experiência voltada para adolescentes e jovens e feministas a partir do contexto de ocupações e manifestações das escolas e universidades públicas no Brasil, que se intensificaram durante o segundo semestre de 2016.

### Objetivos

- Refletir juntas sobre o que é “ser mulher”, o ser mulher “jovem” e sobre como é a relação com mulheres de outras idades e as diferenças (e desigualdades) entre as próprias mulheres;
- Discutir a imbricação entre as relações sociais de gênero, raça e classe e seu impacto sobre as mulheres jovens, sobretudo, sobre as jovens negras e populares;

- Refletir e debater as diversas formas de expressão e vivências da sexualidade, especialmente na juventude; conhecer e debater os “direitos reprodutivos”, entendendo estes como direitos humanos e refletir se no nosso cotidiano;
- Refletir sobre as situações de violência contra as mulheres em diferentes contextos sociais e em diferentes faixas etárias e as velhas e novas formas de violência contra as mulheres, mas também sobre velhos e novos processos de resistência e solidariedade entre mulheres.

### **Metodologia**

A proposta metodológica do curso foi semipresencial, com atividades presenciais, a serem realizadas pelos coletivos de adolescentes e jovens, e virtuais, na Plataforma Moodle. O curso foi organizado em sete módulos temáticos:

- Módulo 1 – Sobre o ser mulher
- Módulo 2 – Mulheres e Juventude
- Módulo 3 – Mulheres, Raça e Classe
- Módulo 4 – Juventude e Sexualidade com enfoque na sexualidade e direitos sexuais
- Módulo 5 – Direitos reprodutivos e aborto
- Módulo 6 – Violência doméstica contra as mulheres
- Módulo 7 – Feminismo e auto-organização das mulheres

A experiência teve pouca adesão de adolescentes e jovens, mas contribuiu para refletirmos sobre as ferramentas e estratégias utilizadas para processos formativos junto a um público tão jovem.

# Reforma da previdência: um golpe nos direitos das mulheres



**Ano:** 2017 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Democracia, Gestão Pública, Orçamento público e gestão de recursos, Políticas Públicas, Sistema Político

**Participantes:** Militantes dos movimentos de mulheres na luta contra a Reforma da Previdência e em defesa do sistema de seguridade social

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria e SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia.

**Tipos de Atividades:** Fóruns de debate mediados (*moodle*)

O curso feminista **Reforma da Previdência: um golpe nos direitos das mulheres** foi destinado a mulheres de diferentes idades/gerações e regiões do Brasil, com distintas experiências de ativismo e inserções no feminismo e no debate sobre a reforma da previdência e seus impactos na vida das mulheres.

## Objetivos

Aportar fundamentos teóricos e políticos sobre trabalho e proteção social para subsidiar militantes dos movimentos de mulheres na luta contra a Reforma da Previdência e em defesa do sistema de seguridade social.

## Metodologia

O curso foi realizado durante dois meses. As atividades podem ser realizadas presencialmente ou com auxílio de aplicativos (WhatsApp, Signal, plataformas de conferências virtuais). Os conteúdos foram desenvolvidos em trilhas com atividades e questões provocadoras, a partir de materiais que podem colaborar na reflexão acerca da temática:

- Chegança
- Trilha 1 – Como o golpe afeta a vida das mulheres?
- Trilha 2 – Por que as mulheres são a maioria sem proteção social?
- Trilha 3 – Por que um regime especial para quem trabalha no campo?
- Trilha 4 – O que está por trás da PEC 281? Por que ela é um golpe em nossos direitos?

## Feminismo com quem tá chegando



**Ano:** 2018 | **Modalidade:** Semipresencial

**Temas:** Feminismo e auto-organização das mulheres, Gênero, Raça e Classe, Lutas das mulheres e feminismo: um pouco de história, Meu encontro com o feminismo

**Participantes:** Mulheres organizadas em coletivos de campos diversos de lutas, com desejo de saber mais sobre o feminismo

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, Cunhã – Coletivo Feminista, SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia

**Tipos de Atividades:** Fóruns de debate mediados (*moodle*), encontros presenciais

O curso **Feminismo com quem tá chegando** aconteceu em diferentes momentos da Universidade Livre ‘Feminista e em formatos distintos, que respondiam às demandas do movimento feminista e dos avanços tecnológicos.

### Objetivo

- Promover a troca de conhecimentos e vivências sobre o feminismo entre as participantes;
- Apresentar os movimentos feministas, suas várias formas de ação, expressão e organização;
- Apresentar um pouco da história do feminismo e das lutas das mulheres, suas perspectivas políticas e linhas de pensamento predominantes no Brasil e no mundo;
- Provocar a reflexão e o debate sobre os desafios atuais do feminismo como movimento auto-organizado de mulheres.

### Metodologia

Primeiramente, o curso foi destinado a mulheres de todo o Brasil através da Plataforma Moodle. Esta primeira versão foi realizada em 2014 e 2015, tanto em formato livre (com inscrições abertas a quaisquer interessadas), como em versões com acompanhamento de educadoras. Em 2018, a metodologia do curso foi redesenhada de forma a fortalecer diretamente as lutas feministas organizadas, assumindo um formato semipresencial, com atividades virtuais (*moodle*), e presenciais, realizadas pelos coletivos parceiros em suas localidades. Em 2019, atendendo a uma demanda de coletivos que não participaram

da edição de 2018 (com acompanhamento), o curso é oferecido na modalidade “autogestionada” (sem acompanhamento das educadoras da Universidade Livre Feminista, mas contando com nosso suporte) para coletivos e organizações que tivessem interesse em realizar o curso em suas localidades.

O curso é organizado em 5 trilhas:

- Chegança
- Trilha 1 – Feminismo: para quê e para quem?
- Trilha 2 – Lutas das mulheres e feminismo: um pouco de história
- Trilha 3 – Gênero, raça e classe: Imbricações no/do cotidiano
- Trilha 4 – Feminismo e auto-organização das mulheres

---

## Espaços de autocuidado e cuidado entre mulheres ativistas



**Ano:** 2016, 2020 | **Modalidade:** Presencial e Virtual

**Temas:** Anticapitalismo, Antirracismo, Autocuidado e cuidado coletivo, Feminismo e auto-organização das mulheres, Movimento Feminista, Saúde Mental

**Participantes:** Mulheres organizadas em coletivos, participantes de processos de autocuidado e cuidado coletivo desenvolvidos pelo CFEMEA

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria

**Tipos de Atividades:** Fóruns de debate mediados (*moodle*)

Desde 2016 aconteceram cursos presenciais entre ativistas para formação em práticas de autocuidado e cuidado entre ativistas em diferentes regiões do país. Entre 2018 e 2020, a plataforma de formação da Universidade Livre Feminista ancorou um espaço para que essas ativistas pudessem partilhar suas experiências, reflexões, dúvidas e debater questões relacionadas ao cuidado coletivo. Apesar da experiência não ter ganhado a adesão esperada no ambiente *moodle*, o Espaço de Autocuidado e Cuidado entre Ativistas foi utilizado no início da pandemia de Covid-19 (2020) para a construção coletiva de um diário da quarentena.

## **Objetivos**

- Atender ao desejo e à necessidade expressa pelas participantes por um lugar para o diálogo, o encontro e a partilha dos nossos saberes, experiências e reflexões;
- Compartilhar o que tem sido elaborado coletiva e individualmente no ativismo sobre o autocuidado e o cuidado coletivo nos nossos movimentos, lutas, grupos, organizações;
- Buscar e mobilizar a solidariedade, o apoio, o cuidado, a proteção de mulheres ativistas que estejam vivendo em dificuldades, sob estresse, sendo ameaçadas ou em situação de risco;
- Alimentar e manter um acervo de ilustrações, fotografias, documentários, vídeos, podcasts, artigos, pesquisas, livros, revistas, poesias, rimas, crônicas, outras escrituras sobre/para o autocuidado e cuidado entre ativistas, na esfera digital e real da vida;
- Criar um movimento que vá na contramão do excesso de informações e mensagens desencontradas que bombardeiam nossos celulares diariamente (via WhatsApp, Facebook, Instagram etc.) e que geram aceleração, desatenção, tensões, estresse e exaustão em nós e entre nós.

## **Metodologia**

Os encontros presenciais contavam com debates mediados e práticas de técnicas corporais e reflexivas para o autocuidado e cuidado coletivo. Tanto no presencial quanto no virtual, a proposta era de construir um espaço de troca, que fosse um ambiente de respeito e confiança que pudesse acolher os ritmos pessoais, ciclos, desejos de partilha pessoal e coletiva e do compromisso com as lutas. Para nutri-lo, cultivá-lo e sustentá-lo era indispensável o compromisso e o respeito às possibilidades e responsabilidades diferenciadas que cada integrante poderia assumir, conforme as suas condições (inclusive, as possíveis deficiências), para alimentar esta iniciativa coletiva.

# Debate sobre os impactos da reforma da previdência na vida das mulheres



**Ano:** 2019 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Democracia, Gestão Pública, Políticas Públicas

**Participantes:** Mulheres de diferentes idades/gerações, de vários estados e regiões do Brasil e com distintas experiências de ativismo, militância e inserções no feminismo

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia

**Tipos de Atividades:** Fóruns de debate mediados (*moodle*)

A Universidade Livre Feminista realizou o Fórum aberto de Debate sobre os Impactos da Reforma da Previdência na Vida das Mulheres destinado a mulheres de diferentes idades/gerações, de vários estados e regiões do Brasil e com distintas experiências de ativismo, militância e inserções no feminismo.

## Objetivos

Promover uma reflexão coletiva e colaborativa sobre os impactos da reforma da previdência proposta pelo governo de Jair Bolsonaro na vida e nos direitos das mulheres.

## Metodologia

O curso deve ser realizado durante dois meses. As atividades podem ser efetivas através de WhatsApp, Signal, plataformas de conferências virtuais ou na modalidade presencial.

Os conteúdos serão desenvolvidos em quatro trilhas:

- Chegança
- Trilha 1 – Seguridade Social Pública e Universal
- Trilha 2 – Contrarreforma da Previdência: Para quê? Para quem?
- Trilha 3 – Os impactos da contra-reforma na vida das mulheres

## Política feminista e transformação social



**Ano:** 2019 | **Modalidade:** Semipresencial | **Temas:** Democracia, Feminismo e auto-organização das mulheres, fundamentalismo, Gênero, raça e classe

**Participantes:** Mulheres organizadas em coletivos de diversos campos de luta

**Parcerias:** CFEMEA - Centro Feminista de Estudos e Assessoria, SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia

**Tipos de Atividades:** Fóruns de debate mediados (moodle), Encontros presenciais

O curso Política Feminista e Transformação contou com a participação de 297 mulheres de 13 coletivos organizado das cinco regiões do país e teve duração de três meses, entre março e maio de 2019.

### Objetivos

- Fortalecer a resistência feminista frente a ofensiva neoliberal e fundamentalista de retirada de direitos colocada pela conjuntura política do país.
- Apresentar subsídios teóricos e políticos para potencializar a auto-organização das mulheres na luta por igualdade e justiça de gênero, de raça e de classe, numa perspectiva antissistêmica.
- Promover o debate para a organização de coletivos e movimentos feministas contra o avanço do fascismo e do autoritarismo

### Metodologia

O curso é promovido a partir de encontros presenciais e debate em ambiente virtual (moodle). Os encontros presenciais são mediados por educadoras locais e o debate virtual é mediado por educadoras da Universidade Livre Feminista, que promovem diálogo entre os diferentes coletivos, de modo a aprofundar as discussões dos encontros presenciais. O curso se divide em cinco trilhas:

- Chegança – Eu/Nós no Mundo
- Trilha 1 – Analisando a conjuntura: um olhar para a sociedade e o Estado numa perspectiva feminista
- Trilha 2 – Fascismo, Conservadorismo e Neoliberalismo: atualidade e seus reflexos na vida das mulheres
- Trilha 3 – Relações de Gênero, de Raça e de Classe: intersecções no/do cotidiano
- Trilha 4 – Política feminista: estratégias de luta e auto-organização das mulheres

# Curso virtual sobre o autocuidado e cuidado entre ativistas



**Ano:** 2020 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Anticapitalismo, Antirracismo, Autocuidado e cuidado coletivo, Feminismo e auto-organização das mulheres, Movimento Feminista, Saúde Mental

**Participantes:** Mulheres organizadas em coletivos, participantes de processos de autocuidado e cuidado coletivo desenvolvidos pelo CFEMEA

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria

**Tipos de Atividades:** Fóruns de debate mediados (*moodle*)

O Curso Virtual sobre o Autocuidado e Cuidado entre Ativistas reuniu mulheres de diferentes regiões do Brasil em um processo formativo e reflexivo sobre cuidado e autocuidado entre ativistas. Para viabilizar o diálogo virtual entre as tecelãs do cuidado, para além dos nossos encontros de formação ao vivo on-line, foi criado um espaço específico na Plataforma de Formação da Universidade Livre Feminista

## Objetivos

- Promover uma educação continuada para ativistas por meio da apropriação de metodologias e práticas de autocuidado e cuidado coletivo;
- Oferecer e experimentar, individual e coletivamente, metodologias e práticas sensíveis à situação difícil e dolorosa que a pandemia, os riscos sociais, políticos impõem às ativistas e às comunidades onde atuamos;
- Propiciar a expansão e diversificação da experiência em rede das Tecelãs do Cuidado e dos processos por ela dinamizados, fortalecendo a interconexão, as trocas, os diálogos e o reconhecimento de saberes populares e acadêmicos para a transformação social e a autotransformação.

## Metodologia

Os módulos foram distribuídos em cinco meses. Cada módulo poderia acontecer em dois encontros de final de semana e um encontro em dia de semana, com a duração de três horas cada. A definição do calendário das atividades ficava a critério da organização proponente. Os conteúdos dos módulos foram abordados nos Fóruns de Partilhas a partir de questões provocadoras, de leituras de textos e/ou de visualização de vídeos.

# Audiodescrição para ação feminista na internet



**Ano:** 2021 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Audiodescrição para redes sociais, Internet e Desigualdades

**Participantes:** Mulheres organizadas em coletivos que produzem conteúdo para internet

**Parcerias:** CFEMEA - Centro Feminista de Estudos e Assessoria, SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia

**Tipos de Atividades:** Encontros síncronos e Atividades assíncronas

A proposta do curso **Audiodescrição para ação feminista na internet** foi construída pensando na ampliação de uma cultura de enfrentamento ao capacitismo e de ampliação de uma perspectiva inclusiva junto a coletivos, organizações e movimentos de mulheres.

## Objetivo

Contribuir para ampliação da acessibilidade comunicacional aos conteúdos feministas, especialmente para mulheres com deficiência visual e cognitiva.

## Metodologia

O curso foi realizado com duas turmas. Contou com **três encontros** de forma **on-line e ao vivo**, com **carga horária total de 8 horas**.

Tópicos abordados:

- conceito e breve histórico da audiodescrição
- o trabalho de audiodescrever e o papel do/a audiodescritor/a consultor/a
- audiodescrição e navegação acessível (uso de leitores de tela)
- formatos de audiodescrição para redes sociais

# Navegando Juntas pelos desafios da internet



**Ano:** 2021 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Autocuidado e cuidado coletivo, Cuidados Digitais, EaD feminista, Internet e Desigualdades, Saúde Mental, Uso de Ferramentas de Internet

**Participantes:** Mulheres organizadas em coletivos, redes ou articulações, interessadas em se apropriar do uso de TICs e do debate crítico sobre internet

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia

**Tipos de Atividades:** Encontros síncronos, Atividades assíncronas, Debates temáticos, Atividades de Autocuidado

O curso **Navegando Juntas pelos desafios da internet** surge para debater criticamente o espaço da internet nas nossas vidas e instrumentalizar mulheres no uso das TICs, especialmente no contexto da pandemia de Covid-19 que impulsionou de forma irreversível a presença da internet no nosso cotidiano, incluindo nossa capacidade de organização política no movimento feminista.

## Objetivo

O objetivo deste curso é provocar um debate sobre os impactos da internet nas nossas vidas, contribuindo para a ampliação da reflexão crítica sobre o nosso uso da internet e para aprendermos a mexer melhor em ferramentas simples que estão muito presentes no nosso cotidiano.

## Metodologia

O curso percorre 5 trilhas para aprofundar os nossos conhecimentos sobre a internet:

- Trilha 1 – Apresentação
- Trilha 2 – A internet nas nossas vidas
- Trilha 3 – Internet e Desigualdades
- Trilha 4 – Vigilância, Violência e Cuidado Digitais
- Trilha 5 – Fortalecendo nossas redes

Em cada trilha teremos diferentes momentos:

- **Barca:** encontro síncrono em plataforma de videoconferência com convidadas que apresentam questões sobre o tema da trilha.
- **Jangada:** grupos de trabalho menores, com cerca de 20 mulheres. O diálogo do momento jangada acontece nos grupos de mensagens, mediados por uma educadora.
- **Porto do Autocuidado:** encontro síncrono em plataforma de videoconferência com dinâmicas voltadas para o autocuidado e o cuidado entre ativistas.
- **Entrelaçando redes:** *lives* com convidadas que aprofundam o tema da trilha, veiculada através do canal do YouTube da Universidade Livre Feminista.



## Campanhas Educativas

As campanhas educativas visam ampliar o debate entre movimentos feministas sobre temáticas relacionadas às TICs, à internet e ao feminismo antirracista, anticapitalista e anticapacitista, fortalecendo a ULF como espaço de troca e aproximando pessoas e movimentos que acompanham a Universidade Livre Feminista, para além das participantes de nossos cursos.

## O que você aprendeu com o feminismo?



**Ano:** 2014 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Ativismo Feminista, Feminismo e auto-organização das mulheres,  
Meu encontro com o feminismo

**Parcerias:** CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia, Cunha – Coletivo Feminista da Paraíba

**Tipos de Atividades:** Envio de mensagens via e-mail e Postagens no Facebook

A campanha inaugurou uma nova fase da Universidade Livre Feminista em 2014, acompanhando um novo programa de atividades e cursos. O lançamento da campanha aconteceu junto ao lançamento da primeira edição do curso “Feminismo Com Quem tá Chegando” de forma a apoiar a divulgação do curso.

### Objetivos

- Colher depoimentos sobre o que as mulheres aprenderam com o feminismo;
- Compreender o que mulheres feministas ao longo da história aprenderam com o feminismo;
- Elaborar materiais de divulgação a partir dos depoimentos e dos resgates históricos que incentivassem mulheres a se aproximarem do feminismo.

### Metodologia

A campanha teve um caráter colaborativo, onde as participantes enviaram imagens e depoimentos contando para gente o que aprenderam com o feminismo. Os depoimentos foram veiculados nas redes sociais e incorporados nos materiais pedagógicos. Outra forma de participar da campanha era fazendo postagens nas redes sociais, utilizando hashtag [#feminismohoje](#).

## Boto banca e exijo respeito! Pelo fim da violência contra as mulheres



**Ano:** 2016 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Antirracismo, Gênero, raça e classe, Políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres, Violência contra as mulheres

**Parcerias:** CFEMEA - Centro Feminista de Estudos e Assessoria

A campanha “Boto banca e exijo respeito pelo fim da violência contra as mulheres” foi lançada em 2016 e fez parte do ciclo de reflexões e debates que a Universidade Livre Feminista promoveu durante todo o ano de 2016, com o objetivo de fortalecer a resistência feminista diante do desmonte das políticas públicas para o enfrentamento à violência.

### **Objetivo**

Evidenciar as diversas práticas cotidianas de resistência das mulheres a todas as formas de violência e contribuir, a partir de uma perspectiva feminista e antirracista, para o enfrentamento à violência doméstica.

### **Metodologia**

Fazer um debate público sobre o enfrentamento à violência contra a mulher, mobilizando os coletivos, movimentos e organizações parceiras através da produção de materiais de divulgação e de ações na internet.

Como parte da campanha, foi produzido um rap e um videoclipe! “*Contra a violência, bote banca!*” é a mensagem do rap da *Subversão Feminista* e de Mana Iná, de Goiás.

## Campanha Feminismo com quem tá chegando



**Ano:** 2020 | **Modalidade:** Virtual | **Temas:** Anticapitalismo, Antirracismo, Feminismo e auto-organização das mulheres, Gênero, raça e classe, História do movimento feminista, movimento feminista, Teorias Feministas

**Tipos de Atividades:** Comunicação no Instagram com recursos audiovisuais

A Campanha Feminismo com quem tá chegando surgiu no contexto da pandemia de Covid-19. Neste período, por questões do contexto e de recursos, decidimos resgatar a proposta do curso “Feminismo com quem tá chegando” através de uma campanha educativa veiculada pelo Instagram da Universidade Livre Feminista!

### Objetivos

Provocar a reflexão coletiva a partir da elaboração de materiais audiovisuais para Instagram, da indicação de leituras e da promoção de diálogo mediado pelas ferramentas da plataforma.

### Metodologia

Convidamos nossas seguidoras a trilharem um caminho de aprendizado com a gente a partir do nosso perfil no Instagram *@ulivrefeminista*. São 5 trilhas, cada uma com duração de duas semanas. Durante esse período, foram postados materiais diversos, como vídeos, fotos e enquetes, para estimular o debate acerca do tema de cada trilha. As trilhas foram divididas assim:

- Trilha 1: Diversas mas não dispersas
- Trilha 2: Feminismo “com quem” está chegando
- Trilha 3: Rompendo com os Silêncios
- Trilha 4: Um pouco da história do feminismo no Brasil
- Trilha 5: Feminismo Popular

Propusemos, ao longo das trilhas, momentos de diálogo através da caixa de perguntas do Instagram e também nos comentários das postagens. As limitações da plataforma nos colocaram diferentes desafios nesse novo esforço pedagógico, mas nos lançamos na experimentação do Instagram como uma ferramenta para a pedagogia feminista.

# Prosas Feministas: pesquisas de mulheres para mudar o mundo



**Ano:** 2021 | **Modalidade:** virtual

**Temas:** Anticapitalismo, Antirracismo, EaD feminista, Feminismo e auto-organização das mulheres, Gênero, Raça e Classe, Movimento Feminista, Teorias Feministas, Violência contra as mulheres

**Tipos de Atividades:** Entrevistas rápidas no Instagram

A ideia da ação “Prosa feminista: pesquisas de mulheres para mudar o mundo” é dialogar com pesquisadoras feministas, promovendo a divulgação científica através do perfil de Instagram a Universidade Livre Feminista.

## Objetivos

- Visibilizar a produção de conhecimento das mulheres feministas que atuam na academia, especialmente das regiões periféricas do Brasil, que sofrem com a invisibilização da produção de conhecimento;
- Promover a divulgação científica a partir de um espaço de diálogo fora da academia.

## Metodologia

As conversas ocorreram uma vez por mês no perfil da ULF no Instagram (*@ulivrefeminista*) em formato de entrevista (de 30 a 40 minutos) e foram mediadas por colaboradoras da Universidade Livre Feminista em diálogo com pesquisadoras convidadas. Os textos acadêmicos ficam disponibilizados no site da ULF, assim como outras referências ligadas às temáticas.

A partir da entrevista, selecionamos pequenos vídeos (3 minutos), que são postados como “Pílulas Feministas” para divulgar a conversa na íntegra e também enfatizar temas específicos que foram abordados. O conteúdo das Entrevistas e das Pílulas Feministas está disponível para acesso através do IGTV da Universidade Livre Feminista no mesmo perfil do Instagram.

# Campanha Navegando Juntas pelos Desafios da Internet



**Ano:** 2022 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Cuidados Digitais, Democracia, Feminismo e auto-organização das mulheres, Internet e Desigualdades, Saúde Mental, Uso de Ferramentas de Internet

**Tipos de Atividades:** Comunicação no Instagram com recursos audiovisuais

A Campanha Navegando Juntas pelos Desafios da Internet foi inspirada no curso de mesmo nome realizado em 2021. O curso foi desenvolvido de forma totalmente online e voltado para o debate crítico sobre a internet com militantes feministas e de movimentos populares, principalmente mulheres que tinham dificuldades com as tecnologias digitais.

## Objetivos

Provocar a reflexão coletiva a partir da produção de materiais audiovisuais para Instagram, da indicação de leituras e da promoção de diálogo mediado pelas ferramentas da plataforma.

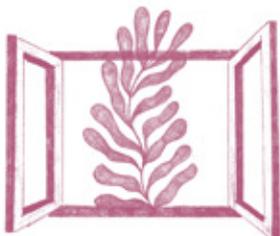
## Metodologia

A campanha aconteceu a partir de conteúdos postados no nosso Instagram ([@ulivrefeminista](#)) e veiculados através do Mural da Campanha no WhatsApp.

A metodologia compreende cinco trilhas, cada uma com indicações de leituras, vídeos e podcasts, apresentação de manuais práticos sobre como utilizar algumas ferramentas básicas da internet e promoção de diálogos sobre internet com feministas que vêm discutindo os desafios desse universo.

As cinco trilhas são:

- Trilha 1 – Apresentação
- Trilha 2 – A internet nas nossas vidas
- Trilha 3 – Internet e Desigualdades
- Trilha 4 – Vigilância, Violência e Cuidado Digitais
- Trilha 5 – Fortalecendo nossas redes



## Webinários

Os webinários são uma estratégia de diálogo para aprofundar nossas reflexões junto às companheiras de outras iniciativas que também têm atuado na internet nos últimos anos. A ideia é que, através de debates temáticos, possamos aprender com as experiências umas das outras para pensarmos sobre os desafios de agora e os que estão por vir.

---

### Umás com as outras: trocando ideias sobre o mundo digital



**Ano:** 2020 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Audiodescrição para redes sociais, Cuidados Digitais, EaD feminista, Internet e Desigualdades, Uso de Ferramentas de Internet

**Parcerias:** MariaLab

**Tipos de Atividades:** Encontro expositivo com convidadas

O ciclo de webinários **Umás com as outras: trocando ideias sobre o mundo digital** foi realizado entre julho e agosto de 2020, pela Universidade Livre Feminista em parceria com a MariaLab. A ideia desse ciclo surgiu a partir da nossa necessidade de pensar sobre o futuro da Universidade Livre Feminista e aprofundar nossas reflexões em diálogo com companheiras que também têm atuado na internet.

#### Objetivo

Promover o diálogo e a troca de experiências com outras iniciativas feministas que atuam na internet sobre temas que nos desafiam na ação feminista na internet.

## Metodologia

Foram quatro webinários com duração de uma hora. Cada encontro contou com a participação de duas convidadas e foi mediado por uma colaboradora a Universidade Livre Feminista. Os temas debatidos foram:

- Educação Feminista à Distância
- Formação Feminista nas Redes Sociais
- Cuidados Digitais
- Acessibilidade na internet

Além da gravação em vídeo, que permite o acesso ao debate na íntegra, cada tema possui uma publicação, que sistematiza os aprendizados deste processo de diálogo.

---

## Umas com as outras: trocando ideias sobre Feminismo e Democracia



**Ano:** 2022 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Democracia, Gestão Pública, Saúde Mental, Violência contra as mulheres

**Tipos de Atividades:** Encontro expositivo com convidadas, Encontro de debate entre participantes

O Ciclo de Webinários “Umas com as outras: trocando ideias sobre Feminismo e Democracia” acontece no contexto de eleições nacionais do ano de 2022 para que possamos dialogar sobre esse momento a partir da leitura feminista da conjuntura.

## Objetivos

Neste ciclo de Webinários, queremos dialogar a partir de leituras feministas sobre o cenário, buscando trazer para as nossas reflexões sobre a conjuntura política, a forma como as teóricas e os movimentos feministas vêm discutindo a democracia representativa, o Estado e o contexto brasileiro dos últimos anos, principalmente diante da avalanche conservadora que estamos vivendo.

## Metodologia

Foram três Trilhas, organizadas cada uma a partir de uma questão ou tema para debate:

- Feminismo e Eleições
- Leituras Feministas sobre Pesquisas Eleitorais
- Raiva, medo e outros sentimentos em tempos de eleições

Cada trilha teve dois encontros, com duração de uma hora cada. No primeiro encontro, fizemos um debate com duas convidadas, mediado por uma colaboradora da Universidade Livre Feminista. Ao final desse encontro, compartilhamos indicações de leitura, vídeos e podcasts via lista de transmissão no WhatsApp ou e-mails. O objetivo do primeiro encontro é compartilhar insumos para reflexão.

Uma semana depois do encontro com as convidadas, aconteceu o segundo encontro de cada trilha, que foi um debate horizontal, com a fala aberta às inscritas nos webinários. O objetivo do segundo encontro é aprofundar as discussões a partir dos lugares e das experiências das militantes inscritas.



## Pesquisas

Desde a criação da Universidade Livre Feminista buscamos identificar questões que nos desafiam em nossa prática pedagógica na internet. Para construir bases sólidas para nosso trabalho, nos propomos a investigar a realidade das mulheres visando melhor compreender as dinâmicas que entrelaçam o fazer político feminista, a internet e as TICs. As pesquisas têm sido um importante aporte na reflexão sobre nossa prática e na busca por aperfeiçoar nossas ações e embasar materiais de apoio para fortalecer a ação política das mulheres em seus movimentos.

# Guia Prática de Estratégias e Táticas para a Segurança Digital Feminista



**Ano:** 2017

**Temas:** Cuidados Digitais, Democracia, Internet e Desigualdades, Uso de Ferramentas de Internet

**Parcerias:** MariaLab, Blogueiras Negras, SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria

A **Guia Prática de Estratégias e Táticas para a Segurança Digital Feminista** foi construída para dialogar com mulheres, especialmente ativistas, e coletivos feministas sobre segurança digital. A Guia foi lançada juntamente com uma campanha sobre cuidados digitais para ativistas durante o 14º Encontro Feminista da América Latina e Caribe (EFLAC), em Montevideu, em novembro de 2017.

## Objetivos

- Provocar o debate sobre a importância de um comportamento seguro em relação à internet junto a feministas que atuam de forma individualizada na rede e/ou militantes de coletivos e movimentos organizados;
- Apresentar métodos de proteção e segurança na utilização de celulares e *smartphones*, que reúnem diversas informações pessoais e de militância que precisam ser resguardadas para a proteção pessoal de militantes feministas assim como dos coletivos de que participam.

## Materiais desenvolvidos

Além da elaboração e divulgação da pesquisa **Guia Prática de Estratégias e Táticas para a Segurança Digital Feminista** na página da Universidade Livre Feminista e de suas parceiras, foram criadas minicartilhas (impressas e digitais) sobre duas abordagens de cuidados digitais. A primeira, **Celulares & Comunicações: nossa batalha no campo virtual**, fala sobre métodos e ferramentas para que tenhamos mais segurança no uso dos aparelhos celulares e nos processos de comunicação mediados por ele. A outra cartilha é intitulada **Segurança na Internet: nossa batalha no campo virtual**, tratando da violência contra as mulheres no ambiente virtual e de como podemos nos organizar para enfrentar esse tipo específico de agressão. Esperamos que os materiais sejam utilizados e distribuídos em ações on-line e presenciais e que colaborem para um debate permanente sobre os cuidados digitais entre nós, ativistas e militantes feministas.

# Nas Rodas e nas Redes: o uso da internet por mulheres de movimentos populares



**Ano:** 2020 | **Modalidade:** Pesquisa qualitativa e exploratória

**Temas:** Cuidados Digitais, Feminismo e auto-organização das mulheres, Internet e Desigualdades

**Participantes:** Mulheres organizadas em movimentos populares no Ceará, Amazonas e Pernambuco.

**Parcerias:** Fórum de Mulheres de Pernambuco e Fórum Cearense de Mulheres

**Tipos de Atividades:** Roda de Diálogo ou Grupos Focais + Atividades Práticas de acesso à internet

## Objetivo

Conhecer melhor as realidades das mulheres organizadas em movimentos populares, especialmente nos territórios periféricos do Brasil, para traçar estratégias criativas de enfrentamento às desigualdades de acesso e uso das TICs.

## Metodologia

Esta foi uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório com atividades em três cidades do Brasil, nas regiões Norte e Nordeste. Em Parintins, Amazonas (AM), realizamos a pesquisa com mulheres urbanas e rurais de classes populares. Em Pacajus, Ceará (CE), com mulheres de comunidades indígenas, quilombolas, pescadoras e agricultoras. E, no Recife, Pernambuco (PE), as interlocutoras são militantes feministas de diferentes periferias da Região Metropolitana. As oficinas da pesquisa tiveram momentos de roda de diálogo ou grupo focal e atividades práticas de acesso ao site e à plataforma da Universidade Livre Feminista. Nas rodas de diálogo, discutimos a forma como a internet está inserida no nosso cotidiano, quais são as dificuldades enfrentadas para o acesso à internet e como nos relacionamos com o conteúdo que acessamos nesse universo. As atividades práticas foram desenvolvidas com o intuito de avaliar a acessibilidade dos nossos canais.

## Materiais desenvolvidos

A publicação da pesquisa está disponível nas versões em português, espanhol e inglês. Além da veiculação em texto, os resultados da pesquisa foram compartilhados em quatro áudios curtos, que apresentam a pesquisa e os resultados obtidos em cada região. A pesquisa também foi lançada em uma *live* veiculada no nosso canal do YouTube, onde as pesquisadoras comentaram sobre os desafios de realização da investigação e apresentaram os resultados obtidos.



## Assessorias

No espaço de assessoria auxiliamos instituições e organizações parceiras no desenvolvimento de cursos, campanhas ou pesquisas, tendo como base nossos princípios político-pedagógicos e nossa orientação metodológica.

---

### Jornada Feminista Antirracista Patrícia Galvão



**Ano:** 2020 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Antirracismo, Democracia, Feminismo e auto-organização das mulheres, Gênero, Raça e Classe

**Participantes:** Profissionais de educação de escolas da rede pública do DF, integrantes do SINPRO-DF

**Parcerias:** Sindicato dos Professores no Distrito Federal

**Tipos de Atividades:** Fóruns, videoaulas, debates ao vivo

O curso nasceu de uma assessoria que a Universidade Livre Feminista e o CFEMEA prestaram à Secretaria da Mulher do Sindicato dos Professores no Distrito Federal (Sinpro-DF).

#### Objetivos

Oferecer ferramentas de análise que permitissem refletir sobre a realidade vivenciada nas escolas no sentido de enfrentar as desigualdades estruturais geradas pelo sistema patriarcal, racista e capitalista.

#### Metodologia

O curso contou com um arcabouço teórico feminista, antirracista e anti-lgbtfóbico e foi realizado via *moodle*, com a participação de 178 educadoras/es e 13 convidadas. O curso seria semipresencial, mas foi totalmente adaptado para o formato digital em função da pandemia de Covid-19.

## Mulheres fazem advocacy seguro na rede

**Ano:** 2020 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Internet e Desigualdades, Políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres, Segurança Digital (Cuidados Digitais).

**Participantes:** Mulheres articuladas em coletivos e organizações mistas ou não nos 9 estados do NE e que fazem enfrentamento à violência contra as mulheres

**Parcerias:** UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas

**Tipos de Atividades:** Encontros síncronos, Atividades assíncronas



Este curso foi resultado de uma assessoria ao Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), especificamente da área de Equidade de Gênero, Raça e Etnia, e buscou formar representantes das organizações da sociedade civil no uso das ferramentas virtuais, em meio ao contexto da pandemia de Covid-19. O curso contou com a participação de mulheres lideranças no tema de violência baseada em gênero dos nove estados do Nordeste.

### Objetivos

Colaborar para a construção de estratégias inovadoras, no contexto da pandemia de Covid-19, para manter as ações de prevenção e resposta aos casos de Violência Baseada em Gênero (GBV).

### Metodologia

O curso aconteceu de forma virtual, foram três encontros de atividades expositivas e diálogo com convidadas. O curso contou com três módulos:

- Conhecendo as ferramentas/aplicativos virtuais para manutenção do diálogo permanente
- Advocacy virtual: estratégias de incidência política no contexto da pandemia Covid-19
- Segurança digital

## Mais Mulheres no Poder

**Ano:** 2022 | **Modalidade:** Virtual | **Temas:** Democracia, Gênero, raça e classe, Gestão Pública, Orçamento público e gestão de recursos, Políticas Públicas, Sistema Político

**Participantes:** Candidatas do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)

**Parcerias:** Fundação Lauro Campos e Marielle Franco



O curso “Mais mulheres no Poder”, da Fundação Lauro Campos e Marielle Franco, voltado para as novas candidatas do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) nas eleições de 2022, aconteceu entre abril e junho, contando inicialmente com cerca de 140 inscrições de militantes. A Universidade Livre Feminista construiu a proposta metodológica e foi consultora no suporte metodológico à FLCMF.

### Objetivos

Apoiar as mulheres na construção de suas candidaturas para cargos representativos (deputadas e governadoras) e apresentar ferramentas para que possam construir uma trajetória saudável na vida política.

### Metodologia

A metodologia foi inspirada na experiência do Curso Navegando Juntas pelos Desafios da Internet, contando com a utilização de diversas ferramentas e plataformas.

O curso está dividido em 5 trilhas:

- Trilha 1 – Por que mais mulheres no PODER
- Trilha 2 – Para que candidaturas mais diversas?
- Trilha 3 – Por uma política que enfrente a miséria e promova a dignidade das mulheres
- Trilha 4 – Recursos para as candidaturas femininas
- Trilha 5 – A gente se encontra na luta: Contra o fascismo e em defesa da democracia

Cada trilha teve duas semanas de duração e contou com dois momentos síncronos semanais, *lives* e oficinas com convidadas/os. Além disso, as candidatas participaram de grupos de trabalho no WhatsApp, mediados por educadoras. Essas educadoras participaram de uma formação prévia promovida pela Universidade Livre Feminista e atuaram durante todo o curso.



## Conexões

As conexões são processos coordenados por instituições e organizações parceiras com as quais desenvolvemos projetos específicos e alargamos o diálogo com iniciativas de educação popular e/ou feministas.

---

## Intercâmbio sobre Educação Feminista à Distância na América Latina



**Ano:** 2019 | **Modalidade:** Presencial

**Temas:** EaD feminista, Feminismo e auto-organização das mulheres, Uso de Ferramentas de Internet

**Participantes:** Integrantes da Rede de Colaboradoras da Universidade Livre Feminista, da Rede de Mulheres Negras do Nordeste e do Fórum de Mulheres de Pernambuco

**Parcerias:** SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, Cotidiano Mujer, CISCOSA – Centro de Intercâmbio Y Serviços para el Cono Sur

O SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia realizou, em parceria com a Universidade Livre Feminista, um intercâmbio sobre Educação Feminista à Distância (EaD) na América Latina com a presença das organizações Cotidiano Mujer, do Uruguai, e CISCOSA - Centro de Intercâmbio Y Serviços para el Cono Sur, da Argentina. Além das integrantes da Rede de Colaboradoras, o encontro contou com a participação de educadoras da Rede de Mulheres Negras do Nordeste e de militantes do Fórum de Mulheres de Pernambuco.

### Objetivos

Promover diálogo e reflexão sobre a pedagogia feminista na modalidade de Educação a Distância, a partir das experiências de formação da Universidade Livre Feminista, da organização Cotidiano Mujer, do Uruguai, e CISCOSA - Centro de Intercâmbio Y Serviços para el Cono Sur, da Argentina.

## Metodologia

Cada iniciativa apresentou suas ações e princípios político-pedagógicos e, a partir destes insumos, foram promovidos debates temáticos. Os principais tópicos debatidos foram:

- O que define uma Educação Feminista?
- Corporeidade
- Participação/interação
- Problema da tradução do pensar, agir e sentir
- Problema da evasão
- Problema da volatilidade do espaço virtual

---

## Sistematização de Práticas Metodológicas de Formação em Educação Popular em Ambiente Virtual



**Ano:** 2020 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** EaD feminista, Internet e Desigualdades, Uso de Ferramentas de Internet

**Participantes:** Organizações que atuaram com Educação Popular na internet no contexto da pandemia de Covid-19

**Parcerias:** CEAP – Centro de Educação e Assessoramento Popular

**Tipos de Atividades:** Espaços formativos, debates e reuniões executivas

Em 2020 a Universidade Livre Feminista foi convidada pelo CEAP (Centro de Educação e Assessoramento Popular) a participar de um processo de sistematização de práticas metodológicas de formação em educação popular que aconteceram no Brasil no contexto da pandemia de Covid-19.

## Objetivo

Refletir sobre práticas de educação popular que aconteceram virtualmente no contexto da pandemia de Covid-19, de modo a promover intercâmbio entre diferentes experiências de organizações que atuaram na perspectiva da pedagogia popular na internet neste período.

## Metodologia

Ao longo do ano participamos de espaços formativos, debates e reuniões executivas que culminaram em documentos de sistematização que contribuem para a reflexão sobre processos de educação popular realizados por meios virtuais e que apontam caminhos para o enfrentamento aos desafios postos e os que estão por vir.

---

## Rodas de conversa com Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e com Baixa Visão



**Ano:** 2022 | **Modalidade:** Virtual

**Temas:** Anticapitalismo, Democracia, Feminismo e auto-organização das mulheres

**Participantes:** Mulheres do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas ou com Baixa Visão

**Parceria:** Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas ou com Baixa Visão, Coletivo Hellen Keller de Mulheres com Deficiência

As rodas de conversa tiveram como tema **“Lutas das mulheres, anticapacitismo e eleições 2022”** e atenderam a uma demanda do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e com Baixa Visão (MBMCBV).

## Objetivo

Realizar um diálogo inicial sobre a importância da luta feminista e anticapacitista, com ênfase na defesa da democracia no contexto de eleições. Esta foi a primeira atividade que realizamos com um grupo totalmente formado por mulheres com deficiência visual, o que foi bastante desafiador e trouxe aprendizados para nossa pedagogia.

## Metodologia

A metodologia intercalou as duas rodas de conversa com discussões via grupo de WhatsApp, que foram subsidiadas por materiais educativos (artigos e podcasts, especialmente). Na pauta, estavam as questões postas pela conjuntura eleitoral e os desafios para o movimento feminista, o movimento de mulheres e as integrantes do MBMCBV. Os encontros síncronos foram realizados nos dias 15 e 28 de junho de 2022 através da Plataforma do Google Meet. O processo contou com um total de 30 participantes do movimento e 3 educadoras da Universidade Livre.

19 BARROSO, Milena  
(org.). *Violência contra as  
mulheres nas universidades*.  
Disponível em: [https://  
feminismo.org.br/wp-content/  
uploads/2021/11/E-book-  
VCM-nas-Universidades.pdf-  
divulgac%CC%A7a%CC%83o-1.  
pdf](https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2021/11/E-book-VCM-nas-Universidades.pdf-divulgac%CC%A7a%CC%83o-1.pdf). Acesso em: 27 nov. 2022.

## Outras Ações

### III Festival Internacional de Cinema de Realizadoras III FINCAR

A parceria teve o objetivo de colaborar na elaboração de um material pedagógico para incentivar abordagens feministas na utilização de filmes em escolas do Ensino Médio. A parceria resultou na realização de três oficinas sobre educação, cinema e feminismo com professores de Pernambuco e de outros estados, como Bahia e Rio de Janeiro. A ideia é que, além de ser utilizado em escolas, o material possa ser incorporado em processos formativos desenvolvidos pela Universidade Livre Feminista e outros coletivos articulando cinema, educação e feminismo.

### Lançamento do Livro *Violência contra as mulheres nas universidades*

A coletânea *Violência contra as mulheres nas universidades*<sup>19</sup>, organizada por Milena Barroso (UFAM/UFS) e colaboradora da Universidade Livre Feminista, reúne 15 artigos de professoras-pesquisadoras-militantes do Brasil, Argentina e Canadá. O livro traz contribuições para o debate do sexismo e da violência heteropatriarcal e racista contra as mulheres no ambiente acadêmico. A experiência da Universidade Livre Feminista e nossa proposta pedagógica de enfrentamento aos sistemas de opressão são apresentados em um artigo de Priscilla Brito.

O lançamento do livro foi realizado pela Universidade Livre Feminista com a participação das autoras em 2021. O debate tratou dos artigos publicados e evidenciou a relevância da pedagogia feminista no enfrentamento à violência contra as mulheres nas universidades e em outros espaços de formação.



**A Universidade Livre Feminista** é uma ação colaborativa compartilhada por Centro Feminista de Estudos e Assessoria – CFEMEA e SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia.  
[www.feminismo.org.br](http://www.feminismo.org.br)

#### REDE DE COLABORADORAS DA UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA | 2022

Analba Brazão  
Bibiana Serpa  
Carmen Silva  
Cristina Kenne de Paula  
Cristina Lima  
Daiany Dantas  
Deborah Guaraná  
Elizabeth Ferreira  
Fernanda Vicari  
Francisca Maria Rodrigues Sena  
Guacira Cesar de Oliveira  
Isabella Alves  
Joana D'Arc da Silva  
Joelma da Silva Oliveira  
Larissa Santiago  
Luciana Cândido Barbosa  
Maria Cardozo  
Maria Lúcia Lopes de Oliveira  
Marina Nóbrega Maia  
Masra Abreu  
Mércia Alves  
Milena Barroso  
Priscilla Brito  
Renata Corrêa  
Sophia Branco  
Thayz Athayde  
Viviane Hermida

APOIO



Laudes ———  
— Foundation

**Brot**  
für die Welt



GLOBAL FUND FOR  
**WOMEN**

**FOS**  
FEMINISTA

 **AK**  
FOUNDATION

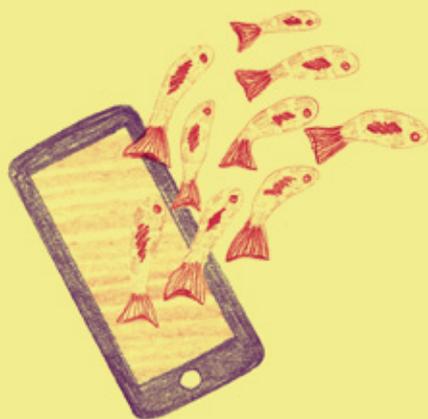
REALIZAÇÃO





**13** Universidade  
Livre  
**anos** Feminista

Impresso na Provisual  
em fevereiro de 2023  
em Recife, Pernambuco,  
em papel Triplex 250 g/m<sup>2</sup>  
(capa) e Offset 90g/m<sup>2</sup>  
(miolo), composto nas  
tipografias Elza e Arvo.





A Universidade Livre Feminista é uma ação coletiva e colaborativa de educação feminista e popular que nasce no CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, organização situada em Brasília, em 2009, em um contexto de grande efervescência do ativismo na internet.

